

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E POLÍTICAS – CCJP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

MARIANA PIMENTA BUENO

“TROPICALIZAÇÃO” DO MARXISMO?
ERNESTO CHE GUEVARA E O MARXISMO LATINO-AMERICANO.

RIO DE JANEIRO

2019

MARIANA PIMENTA BUENO

“TROPICALIZAÇÃO” DO MARXISMO?
ERNESTO “CHE” GUEVARA E O MARXISMO LATINO-AMERICANO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política. Área de concentração: Relações Internacionais e Política Mundial.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Pereira da Silva.

RIO DE JANEIRO

2019

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

P644	<p>Pimenta Bueno, Mariana ?Tropicalização? do Marxismo? Ernesto Che Guevara e o Marxismo Latino-Americano. / Mariana Pimenta Bueno. -- Rio de Janeiro, 2019. 84 páginas</p> <p>Orientador: Fabricio Pereira da Silva. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2019.</p> <p>1. Teoria. 2. Socialismo. 3. Guevara. 4. Discurso. 5. Marxismo. I. Pereira da Silva, Fabricio , orient. II. Título.</p>
------	--

AGRADECIMENTOS

Talvez essa seja a seção mais difícil de se escrever em uma dissertação. Muitos e muitas contribuíram para que esta fosse finalizada e defendida. Agradeço:

À Deus que me permitiu chegar até esse momento com saúde;

À minha família, especialmente à minha mãe Lucia e ao meu pai Paulo, que me proporcionaram pensamento crítico, acesso à educação e suporte emocional ao longo desses anos;

Ao meu orientador Prof. Dr. Fabricio Pereira da Silva que compartilhou comigo um incrível conhecimento durante reuniões, aulas, textos e e-mails. Muito obrigada por ter me apoiado desde princípio;

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, Prof^ª. Dr^ª. Flavia Braga Vieira, Prof. Dr, Emir Simão Sader e Prof. Dr. Guilherme Simões Reis, que me honraram com suas presenças e comentários valiosos.

À FAPERJ, que ao longo desse período me proporcionou a bolsa. Sem esse apoio financeiro eu não poderia ter participado dos diversos congressos e fóruns, os quais apresentei minhas pesquisas e adquiri conhecimentos diante outros pesquisadores;

Ao meu companheiro Uther, que desde 2015 acompanha minha pesquisa sobre Che Guevara, me presenteando com os primeiros livros que motivaram a minha monografia na UFRJ até as críticas e debates sobre esta dissertação. Obrigada por estar sempre ao meu lado;

Ao corpo docente e aos funcionários da UNIRIO, em especial aos que compõe o PPGCP, que passaram conhecimentos valiosos e auxílios em momentos incontáveis;

Aos meus amigos e amigas que fizeram deste mestrado um momento de crescimento pessoal e profissional.

EPÍGRAFE

“Convendría decir que la teoría revolucionaria, como expresión de una verdad social, está encima de cualquier enunciado; es decir, que la Revolución puede hacerse si se interpreta correctamente la realidad histórica y se utilizan correctamente las fuerzas que intervienen en ella, aún sin conocer la teoría”

Che Guevara

“Ele pensou e escreveu sobre muitos assuntos. E se existe uma coisa que deve ser dita em um dia como este é que os escritos de Che, o pensamento político e revolucionário de Che, terão um valor permanente no processo revolucionário cubano e no processo revolucionário da América Latina”

Fidel Castro

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o marxismo Ernesto Che Guevara e seu socialismo alternativo à União Soviética, o guevarismo como objeto para decifrar a sua possível originalidade em relação à uma teoria já contra-hegemônica, mas europeia, para enquadrar-se na realidade latino-americana. O período escolhido a ser estudado abrange o primeiro questionamento de Che sobre as mazelas sofridas pelos sul-americanos durante sua viagem pelo subcontinente, em 1952, até o ano de seu assassinato nas florestas bolivianas em 1967, utilizando seus discursos e artigos sobre assuntos como marxismo, o papel do indivíduo na revolução e seu humanismo revolucionário. Nossa problematização consiste no seguinte questionamento: em quais aspectos Che Guevara proveu ao marxismo um caráter original? Juntamente a esta questão, duas outras vieram para compreender melhor seu socialismo alternativo: se o “homem novo cubano” recomeçaria do zero, a partir da revolução lograda e se se expandiria para além da experiência cubana. A hipótese a ser testada através da análise do discurso é que o pensamento de Che Guevara trouxe para o marxismo uma “tropicalização”, ou seja, uma vertente marxista de caráter original e não-eurocêntrico, considerando a história da periferia, especialmente da América Latina. Para esta análise, conceitos utilizados pelo marxismo soviético durante a III Internacional tornam-se interessantes para a entender o socialismo de Che e sua herança.

Palavras chaves: teoria, socialismo, Guevara, discurso, marxismo

ABSTRACT

This thesis has as its target the analysis of Ernesto Che Guevara's Marxism and his alternative socialism toward the soviet one, the "*Guevarismo*" as object to decode possible originality in relation to a counter-hegemonic theory, although European, to fit into the Latin American reality. The chosen period to be studied ranges from the first inquiry about the ills suffered by South Americans meanwhile his trip through the subcontinent, in 1952, to the year of his murdering within the Bolivian forest in 1967, making use of his speeches and papers about the Marxism, the role of the individual inside the revolution and his revolutionary humanism. Our concerns consist on the following question: in which aspects has Che Guevara provided to Marxism an original characteristic? Side by side with this question, two different other coupled with to a better comprehension of his alternative socialism: if the "new Cuban man" would start from the scratches, from the flourished revolution and it would expand beyond the Cuban experience. The hypothesis to be tested through the discourse analysis concerning the thoughts of Che Guevara engendered to Marxism a "*tropicalização*", in short, an original Marxist angle and non-Eurocentric, characteristic, considering the peripheral history, specifically the Latin American one. To this analysis, those concepts used by the Soviet Marxism during the third International have become more interesting to the understanding of Che Guevara's Socialism and his heritage.

Keywords: theory, Socialism, Guevara, speech, marxism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. UM BREVE HISTÓRICO: A VIDA DE GUEVARA ATRAVÉS DA PRÁXIS	16
1.1. A CONTESTAÇÃO ATRAVÉS DAS VIAGENS PELA “MAIÚSCULA AMÉRICA”	16
1.2. UMA POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA: OS CARGOS DE CHE GUEVARA.....	19
1.3. A SAÍDA DE GUEVARA E A BUSCA PELA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO	24
2. QUAL CAMINHO PARA A REVOLUÇÃO? A HEGEMONIA DO SOCIALISMO SOVIÉTICO.	28
2.1. A COMMINTERN	32
2.2. A LOCALIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA PARA OS SOVIÉTICOS.....	36
3. “HAY QUE ENDURECERSE SIN PERDER LA TERNURA JAMÁS”: AS PALAVRAS NA REVOLUÇÃO	38
3.1. O DISCURSO NA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS EM 1964	38
3.2. “O SOCIALISMO E O HOMEM EM CUBA”: A CONSTRUÇÃO SOCIALISTA POR CHE	44
3.3. “MENSAGEM À TRICONTINENTAL”: O INTERNACIONALISMO REVOLUCIONÁRIO	48
3.4. UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE O SOCIALISMO SOVIÉTICO E O DE CHE GUEVARA.....	52
4. O INDIVÍDUO E A REVOLUÇÃO: A IMPORTÂNCIA E ORIGINALIDADE DO HOMEM NOVO PARA O PENSAMENTO GUEVARISTA	56
4.1. CHE: UM ROMÂNTICO DE SUA ÉPOCA ROMÂNTICA.....	58
4.2. SERIA CHE UM ROMÂNTICO?	59
4.3. COMO SERIA O VERDADEIRO REVOLUCIONÁRIO? A IDEIA E PRÁTICA DO MARXISMO GUEVARISTA.....	60
4.4. O MARXISMO GUEVARISTA.....	63
4.5. O HOMEM NOVO CUBANO: A ORIGINALIDADE.....	66
5. CONCLUSÃO	70
BIBLIOGRAFIA	76

ANEXO 1: CRONOLOGIA DE ERNESTO “CHE” GUEVARA.....	83
ANEXO 2: CRONOLOGIA DA REVOLUÇÃO CUBANA	84

INTRODUÇÃO

Em 2019 — ano desta dissertação — completou-se 60 anos que um grupo de guerrilheiros, encabeçados por um advogado nascido em uma família de vida financeiramente confortável, logrou derrubar uma ditadura apoiada pelos Estados Unidos. Dentre eles estava um jovem médico argentino com ideias marxistas. Quando chegou à ilha de Cuba a bordo do *Granma*¹, ele integrava a expedição por seu título adquirido na Universidade de Buenos Aires em 1953, mas ao fim se tornou um dos símbolos da revolução. Este jovem, Ernesto Guevara de la Serna — que ao longo da revolução se tornou Che Guevara — se transformou em um referencial para os guerrilheiros, ganhando posteriormente o título de Comandante, sendo considerado como símbolo do marxismo dos anos 1960 (LOWY, 2006).

Taibo Mahajo (2011) escreveu em sua biografia que “o fantasma de Che [...] está preso no meio de uma ponte de gerações — entre jovens que sabem muito pouco dele, mas que o intuem como o grande comandante [...] e a geração de 1960” (p. 11). Ademais, influenciou o “primeiro projeto de construção do socialismo em Cuba”, em que a “visão associada da política, da moral e da economia fez com que ele [...] pensasse na industrialização como o caminho econômico para a soberania de Cuba no cenário internacional.” (SADER, 1997, p. 81). Conforme contam seus biógrafos Anderson (1997), Taibo Mahajo (2011) e Castañeda (1997), suas viagens feitas pela América do Sul e seu núcleo familiar foram importantes para que o jovem Guevara viesse a contestar as desigualdades e injustiças sociais que observava.

Dentre os diversos marxistas “dos trópicos” — que também buscaram uma releitura do marxismo para os países periféricos, como Mariátegui (Peru), os Teóricos Dependencistas (Brasil), Amílcar Cabral (Guiné-Bissau) e Kwame Nkrumah (Gana) — Che foi escolhido por ter manifestado um crescimento marxista que extrapolou as fronteiras cubanas, com a implementação de focos revolucionários no Congo² e Bolívia. O período compreendido aqui tem como seu marco temporal o ano de 1952, quando ele e seu amigo Alberto Granado viajaram pelos países sul-americanos, e se estende até 1967, ano de sua morte.

¹ Barco que levou a expedição de cerca de oitenta revolucionários à ilha de Cuba, cujo desfecho final foi a vitória da Revolução cubana.

² Atual República Democrática do Congo.

Durante a viagem com seu amigo Alberto Granado pela América do Sul³ no ano de 1952, Guevara teve contato com a pobreza, a fome e as desigualdades sociais presentes em cada país visitado. A partir desse momento, a inquietude sobre maiores explicações desse quadro surgiram. Após a conclusão do curso de medicina em Buenos Aires, partiu mais uma vez em viagem, em 1953, tendo como destino a Venezuela para reencontrar Granado. No entanto, durante o caminho percorrido, decidiu se estabelecer na Guatemala, país governado pelo presidente Jacob Arbenz, que promovia a nacionalização de terras da *United Fruit Company* mediante indenização financeira à empresa, com a finalidade de aumentar sua pauta exportadora (AYERBE, 2002).

Alguns de seus biógrafos consideram que foi em território guatemalteco que enrobusteceu o marxismo através das leituras das obras clássicas de Marx, Lenin e Mao Tsé Tung presentes na biblioteca de sua primeira companheira Hilda Gadea. Esta não só o apresentou a essas obras, como também a diversos exilados políticos. Após a renúncia de Arbenz, em 1954, partiu para o México, onde reencontrou seu amigo Níco Lopez e foi apresentado por ele a Raúl Castro. Foi em 7 de julho de 1955 durante um jantar na casa de María Antonia González — uma cubana que havia fixado residência no México — que ele e Fidel Castro se conheceram. Fidel, anos mais tarde escreveu que, ao conhecê-lo, convidou-o para se juntar à expedição, integrando a guerrilha como seu médico. E este convite fora aceito por Guevara na mesma ocasião.

Para entender o motivador da Revolução Cubana, faz-se necessário voltar brevemente na história. Cuba conseguiu sua independência em 1898 em um processo que perdurou por trinta anos. Dessa luta, resultou-se não só a independência da Espanha; foi pela intervenção dos Estados Unidos que a guerra contra o país europeu acabou. Sendo assim, os EUA ganharam a oportunidade de possuir grande influência no território e seu maior exemplo foi a assinatura da Emenda Platt, que reservou o direito aos estadunidenses de “intervir nos assuntos cubanos quando considerava necessário fazê-lo.”⁴ (LOPEZ, 2015, p. 24). Foi durante esse processo que surgiu também o grande inspirador da Revolução Cubana: José Martí. Advogado e um dos líderes do movimento de independência, que no exílio teve a “difícil tarefa de unificar todos os

³ O filme de Walter Salles “Diários de Motocicleta” retrata essa viagem, os descobrimentos e sua aproximação com as classes mais vulneráveis da sociedade.

⁴ No original: “intervenir en los asuntos cubanos cuando considerara necesario hacerlo.” (LOPEZ, 2015, p. 24).

setores independentistas, organizando com eles o Partido Revolucionário Cubano” (SADER, 1985, p. 9) e que morreu em um dos primeiros combates em 1895 (AYERBE, 2004). Martí, mais tarde, seria invocado em diversas fases da Revolução, como no texto da Constituição.

Assim, “a história deste conflito, entretanto, não iniciaria com a revolução de 1959, mas [...] seria um corolário que vinha se arrastando desde a criação do Estado nacional cubano em 1902”⁵ (LOPEZ, 2015, p. 22). A luta dos moncadistas⁶ refletiu no que seria a terceira luta pela independência. Portanto, a indignação por uma independência real cubana era latente nos revolucionários.

O ditador Fulgêncio Batista ascendeu ao poder, em 1952, através de um golpe e encontrou como sua oposição o advogado Fidel Castro, que perdeu o cargo de deputado pelo Partido Ortodoxo nesse processo. Para Castro “o retorno da normalidade democrática passa necessariamente pela derrubada do regime de Batista.” (AYERBE, 2004, p. 30). Após o fracasso e a prisão, Castro e outros moncadistas foram postos em liberdade, em maio de 1954. No entanto, Fidel, seu irmão Raúl Castro e outros companheiros não desistiram de libertar Cuba do ditador Batista e fundaram na clandestinidade o Movimento 26 de julho — o M26 —, cujo objetivo era, segundo Anderson (1997), ter duas bases: uma em Cuba e outra no México, para que fosse formada uma guerrilha, meio pelo qual derrubariam a ditadura e colocariam o Partido Ortodoxo no poder.

Originalmente o movimento revolucionário tinha como objetivo final a instauração da democracia no país e, assim, conquistar sua verdadeira independência; ou seja, deixar de ser subordinado aos interesses estrangeiros. Como posto por Tablada (2015),

a Revolução Cubana contava com todos os ingredientes necessários para impactar o jovem Ernesto Guevara [...] Um pensamento revolucionário autóctone de raízes profundas, nutrido do melhor da cultura mundial e que tinha colocado a Ética como pedra fundamental de qualquer ação. [...] O pensamento martiano, e uma corrente do pensamento marxista posterior a Jose Martí, permitiram a elaboração de um marxismo da subversão e não da obediência (TABLADA, 2015, pos. 87-101).

⁵ No original, “La historia de este diferendo, sin embargo, no iniciaría con la revolución de 1959, sino que sería un corolario que se venía arrastrando desde la creación del Estado nacional cubano en 1902” (LOPEZ, 2015, p. 22).

⁶ Assim ficaram conhecidos os participantes do assalto ao quartel de Moncada, situado em Santiago de Cuba, ocorrido em 26 de julho de 1953, cujo objetivo era retirar o arsenal e distribuí-lo entre a população para promover a queda do ditador Batista. O plano falhou e levou a prisão dos envolvidos, incluindo Fidel e Raúl Castro.

Mesmo Fidel Castro declarando ser anticomunista, os ideais do movimento se aproximaram de Marx, já que “ao organizar a insatisfação popular para a derrubada do velho sistema semicolonial capitalista de exploração, estavam cumprindo os desígnios e estavam agindo em consonância ao que propugnava o clássico pensador” (SILVA, 2013, p. 56). E foi principalmente através de Che Guevara que as orientações ideológicas se tornaram comunistas durante e após o processo revolucionário.

Conforme afirmado por Löwy (1999), Che era um estudioso do marxismo. No entanto, entre 1959 e 1961, começou a ponderar que talvez o marxismo oficial propagado na época não seria condizente com a história e realidade latino-americana (TABLADA, 2015). O alinhamento entre suas leituras, suas experiências com as viagens e a queda de Arbenz o fizeram contestar os moldes ditados aos Partidos Comunistas sobre o marxismo e seu método de ação para uma revolução na época. Através das rodas de estudos e discussões sobre as obras marxistas, ele foi um “professor” para os seus companheiros, pois para ele “a teoria [...] poderia ser a guia principal do processo revolucionário” (SILVA, 2013, p. 56), mesmo que estes guerrilheiros não fossem todos marxistas. Assim, ele buscou não só entender e observar os avanços e desafios da Revolução Cubana, como também a necessidade de internacionalização do movimento revolucionário a partir do marxismo.

Sendo assim, esta dissertação propõe um estudo para além do indivíduo que “fora testemunha e protagonista da Revolução” (TABLADA, 2015, pos. 532). Em outras palavras, uma apreciação que considera não só o guerrilheiro que por dois anos enfrentou o exército do ditador Batista nas matas de Sierra Maestra, mas também analisa-o como teórico do marxismo, almejando entender se seu pensamento convergiu com o da matriz soviética. Sua percepção considerava a história, a organização socioeconômica e a posição global da América Latina para a construção de uma nova sociedade em um socialismo “alternativo, mais democrático, igualitário e solidário” (LÖWY, 2006, p.46).

Ele procurou praticar essa interpretação quando ocupou as funções públicas em órgãos governamentais e viagens internacionais; em Cuba ou fora da ilha. Foi presidente do Banco Nacional, gestor do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) e por fim ministro da Indústria. Procurou transformar as estruturas de gerenciamento das indústrias (SAENZ, 2004), encarando a educação, a formação da consciência socialista, o trabalho voluntário e o estímulo moral acima do material como peças chaves para a reeducação do povo cubano.

Conforme apontado por Löwy (2006), em uma linha cronológica, houve três momentos do marxismo na América Latina: o primeiro ocorrido entre as décadas de 1920 e 1930, com o peruano José Mariátegui como teórico, com inspiração na insurreição salvadorenha e que se apresentava como “socialista, democrática e anti-imperialista”; o segundo entre 1930 e 1959, com o marxismo soviético como o entendimento hegemônico — com as ideias de revolução por etapas — entre os partidos comunistas latinos; e o terceiro a partir de 1959, com a Revolução Cubana e seu maior símbolo Guevara, que levou à ascensão e consolidação das correntes radicais com pontos de referências comuns, como a “natureza socialista da revolução e a legitimidade [...] da luta armada” (LÖWY, 2006, p.10).

Posto isto, ver-se-á ao longo da pesquisa que Che Guevara contestou determinadas concepções mecanicistas presentes no marxismo soviético, como a composição da sociedade por quatro classes — o proletário, o campesinato, a pequena burguesia e a burguesia nacional — e as etapas para que determinado país alcançasse a revolução socialista. Como também criticou a burocracia presente na estrutura da URSS, pois esta afastava as massas e criava dogmatismo e sectarismo. Por fim será debatido no último capítulo como Che representou o humanismo revolucionário, com o entendimento da necessidade do “homem novo cubano”, pois “a tarefa suprema e última da revolução era criar um homem novo, um homem comunista, negação da dialética do indivíduo na sociedade capitalista.” (LÖWY, 1999, p.42.).

Assim, os objetos escolhidos para compreender seu socialismo nesta pesquisa foram seus discursos e notas, pois melhor representam a difusão das ideias de Che. Dentre aqueles produzidos por ele, três foram escolhidos por apresentarem conceitos que possivelmente caracterizam a inovação revolucionária de sua teoria marxista, pondo o indivíduo como ator principal da revolução e falando a partir da América Latina. O primeiro a ser apresentado é o discurso da XIX Assembleia Geral das Nações Unidas, em dezembro de 1964, em que afirmou que enquanto houvesse países explorados e exploradores “não pode haver coexistência pacífica entre poderosos somente, caso pretende-se assegurar a paz do mundo.” (GUEVARA, 1964). Segue-se com o artigo “O socialismo e o Homem em Cuba”, escrito em 1965 para o jornal uruguaio *Marcha*, o qual traz como ideia o papel das massas populares, do partido e do internacionalismo necessário da revolução.

Por último, o texto “Mensagem à Tricontinental”, de 1967, em que aborda as questões da intervenção das duas potências — União Soviética e Estados Unidos — na guerra do Vietnã,

além de apontar como os países da Ásia, África e América eram influenciados por interesses estadunidenses. Nos três Che Guevara procurou mostrar ao mundo qual socialismo Cuba estava pondo em prática, tentando incentivar movimentos de países latino-americanos, africanos e asiáticos na luta anticolonial, anti-imperialista e em busca da solidariedade internacional.

Diante do exposto, a questão principal que motivou esta pesquisa foi: em quais aspectos Che Guevara formulou um marxismo original? Não obstante, duas questões secundárias também foram consideradas úteis para entender seu socialismo: se o “homem novo” defendido pelo mesmo como produto e motor da revolução seria uma tabula rasa⁷, e se ele potencialmente se expandiria para além da experiência cubana.

Destarte, para responder as questões que delineiam esta dissertação construiu-se a hipótese de que a teoria de Ernesto Che Guevara trouxe para o marxismo uma *tropicalização* da teoria. Em outras palavras, uma teoria marxista de caráter original e não-eurocêntrico, voltada para esta periferia global; portanto, uma tropicalização da filosofia da práxis.

Em suma, esta dissertação se estruturará em quatro capítulos, os quais: o primeiro, com a abordagem de um histórico sobre a vida de Che Guevara considerando suas leituras, viagens e experiências. Para isso, utilizar-se-á as biografias escritas por Anderson (1997), Castañeda (1997) e Taibo Mahajo (2011), e suas coletâneas de discursos e textos nos ajudarão a entender mais profundamente sua vida e a construção de sua teoria; Segue-se com o panorama sobre o marxismo da III Internacional, evidenciando a hegemonia soviética. Autores marxistas europeus também serão debatidos para trazer à luz as contestações prévias; O capítulo seguinte as percepções e ideias de Che serão abordadas através do *corpus* teórico previamente citado. A partir do debate construído entre o segundo capítulo e o terceiro, o capítulo final concentra-se naquelas características que possivelmente fazem Che se distanciar do socialismo soviético. Enfatizou-se duas que se mostraram mais fortemente presentes nos textos: o homem novo e a formulação da política econômica para a ilha caribenha. Também, procurou discutir o lado romântico de Che, para localizá-lo na época em que muitos consideravam o marxismo estagnado. Por fim, a conclusão apresentará breves considerações adquiridas ao longo das leituras que compuseram a dissertação e agregaram conhecimento para compreender “a epopeia política, subversiva e romântica de Che” (BESANCENOT; LÖWY, 2009, p. 29).

⁷ Expressão vinda do latim. Esse conceito foi utilizado primeiramente por Aristóteles para afirmar que o homem tinha uma consciência sem prévios conhecimentos. Posteriormente, no século XVII, foi utilizado pelo empirista inglês John Locke.

1. UM BREVE HISTÓRICO: A VIDA DE GUEVARA ATRAVÉS DA PRÁXIS

1.1. A CONTESTAÇÃO ATRAVÉS DAS VIAGENS PELA “MAIÚSCULA AMÉRICA”

Para entender o socialismo de Ernesto Che Guevara, foi preciso revisitar sua vida e suas experiências, uma vez que antes de formular uma teoria ele esteve em prática. Este capítulo tem como objetivo destacar momentos importantes que influenciaram a formação de sua visão sobre o marxismo e a aplicabilidade da mesma ao longo de sua vida política e revolucionária. Nascido em Rosário, cidade argentina localizada na província de Santa Fé, Che pertencia a uma família de classe média de algumas posses. Para Tablada (2015), ele pôde ter rompido com a visão hegemônica durante e após a Revolução Cubana por conta de “sua formação cultural, ética e social progressista [...], a história da Argentina [...] e sua experiência in loco” (TABLADA, 2015, pos. 87). De fato, seus biógrafos enfatizam bastante suas relações familiares na formação de sua consciência. Seus pais eram antiperonistas (PÉRICAS, 2018, p. 167) e em sua casa assuntos políticos eram recorrentes. Desde jovem, interessou-se por leituras, já que os constantes ataques de asma o faziam repousar (TAIBO MAHAJO, 2011, p. 20). Dentre os diversos autores lidos nesse período, seu conhecimento já abrangia até os que lhe proporcionaram o início do contato com o marxismo, como obras de Hegel, Marx e Engels, Lenin, Stálin, entre outros. (PÉRICAS, 2018, p. 168). Apesar disso, Guevara ainda não se apropriava de um ideário marxista⁸.

Depois de viver em diversas cidades argentinas por conta de sua asma ou por causa dos negócios, com a família estabeleceu-se na capital mais uma vez, onde veio a cursar medicina na Universidade de Buenos Aires, em 1947. Três anos depois, Guevara deixou a cidade para trás, acompanhado de seu amigo Alberto Granado. Partiram em uma expedição — a primeira de Guevara — pelo território sul-americano, descrita posteriormente na obra “De Moto pela América do Sul” (GUEVARA, 1993) baseada em seu diário⁹. Esta viagem foi — e ainda é — considerada por muitos como um marco em seus questionamentos sobre a sociedade desta

⁸ Na biografia escrita por Paco Taibo Mahajo há um trecho de Guevara em que ele afirmou “Quando comecei a estudar medicina, a maioria dos conceitos que tenho como revolucionário estavam ausentes no depósito de minhas ideias.” (TAIBO MAHAJO, 2011, p. 37).

⁹ Como anteriormente citado, este diário serviu como fonte para o filme “Diários de Motocicleta” de Walter Salles (2004).

região, de cidades rodeadas pela pobreza, fome, miséria e perseguição política aos seus cidadãos. Em suas anotações há diversas passagens sobre essa melancólica realidade sul-americana, como a falta de acesso à saúde e o encontro com o casal de comunistas chilenos, que haviam sido presos e perseguidos, e agora, em meio a fome, buscavam um emprego (GUEVARA, 1952 apud GARCÍA, 2017). Destarte, utilizando de suas próprias palavras, Guevara escreveu: “‘eu’, não sou eu; pelo menos não sou o mesmo eu interior. Esse vagar sem rumo por nossa ‘Maiúscula América’ me transformou mais do que acreditei”¹⁰ (GUEVARA, 1952 apud GARCÍA, 2017, p. 50).

Retornou para Buenos Aires e, em 1953, concluiu o curso de medicina. Posteriormente, partiu em mais uma viagem, acompanhado de outro amigo, Carlos Ferrer, cujo destino final era a Venezuela, país em que reencontraria Granado. Passou por Bolívia, Peru, Equador, Costa Rica e Panamá. Porém, impressionado com as grandes mudanças que ocorriam naquela época na Guatemala, Guevara permaneceu neste território. Castañeda (1997) apontou que “a incidência do capítulo guatemalteco na vida de Che Guevara cobre duas vertentes: suas análises do acontecido e sua participação nos acontecimentos” (CASTAÑEDA, 1997, p. 99)¹¹. Conforme trazido brevemente na Introdução, o então presidente Jacob Arbenz vinha promovendo diversas mudanças de política econômica, dando continuidade à agenda de seu antecessor, Juan Arévalo. Dentre as medidas estava a nacionalização das terras não cultiváveis mediante indenização à *United Fruit Company*, multinacional estadunidense que possuía grande parte da produção de bananas e dos transportes existentes no país. Em plena Guerra Fria, os Estados Unidos, sob a justificativa de conter o comunismo, deflagraram a Operação Êxito, que culminou na renúncia de Arbenz e ascensão ao poder de Carlos Castillo Armas, apoiado pelo governo estadunidense.

Foi durante essa efervescência política que Guevara conheceu Hilda Gadea, exilada peruana que pertencia aos quadros da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA). Ela, como abordado em diversas biografias, foi a responsável por apresentar-lhe diversos intelectuais e líderes exilados. Mesmo com um conhecimento prévio de obras marxistas, foi na Guatemala o “lugar onde ‘descobriu’ o marxismo” (LÖWY, 1999, p. 24). Embora se afirme

¹⁰ Do original “‘yo’, no soy yo; por lo menos no soy el mismo yo interior. Ese vagar sin rumbo por nuestra ‘Mayúscula América’ me ha cambiado más de lo que creí” (GUEVARA, 1952 apud GARCÍA, 2017, p. 50).

¹¹ No original “La incidencia del capítulo guatemalteco en la vida del Che Guevara cubre dos vertientes: sus análisis de lo acontecido y su participación en los acontecimientos” (CASTAÑEDA, 1997, p. 99).

que fora nesse momento que seu pensamento com viés marxista havia florescido através da leitura das obras de Lenin e Marx, Pericás (2018), como já citado, destacou que Guevara já teria o conhecimento desses autores marxistas.

Suas leituras aliadas às viagens lhe proporcionaram um posicionamento marxista sobre as desigualdades sociais; talvez tenha sido esse o primeiro momento em que uniu a prática com a teoria marxista. Guevara foi fruto da influência da doutrina de Stálin, propagada pelo PCUS: era um pró-soviético, admirador da Revolução Bolchevique (CASTAÑEDA, 1997). Possuía uma leitura romantizada de Stálin, já que os livros editados naquela época vangloriavam a figura desse nas publicações de obras marxistas, ao passo que a figura de León Trotsky era apagada e, por conseguinte, o acesso aos seus escritos e ideias restringidos. No entanto, essa posição favorável de Guevara em relação à União Soviética foi se modificando ao longo de sua vida política no governo revolucionário em Cuba, como será abordado nos próximos capítulos.

Com a renúncia de Arbenz, Guevara e Gadea deixaram a Guatemala e partiram para o México, onde permaneceu estudando sobre marxismo. Lá reencontrou o amigo que havia conhecido na Guatemala, o cubano Níco Lopez, que lhe apresentou aos irmãos cubanos Raúl e Fidel Castro, do Movimento 26 de Julho. Eles haviam sido presos pela tentativa de assalto ao quartel Moncada e estavam exilados em território mexicano. Mesmo nesta condição, Fidel planejava uma revolução para retirar o ditador Fulgêncio Batista do poder na ilha. A Guevara contou, durante o jantar em que se conheceram, seu plano: ter duas bases, uma no México e outra em Cuba, as quais formariam uma guerrilha. Tão logo se conheceram, Fidel convidou e recebeu a resposta positiva de Guevara para integrar a expedição como médico (ANDERSON, 2007; CASTAÑEDA, 1997; TAIBO MAHAJO, 2011).

Zarpam do território mexicano em 25 de novembro de 1956, com a formação de 82 revolucionários. A bordo do iate *Granma*, chegaram em terras cubanas em 02 de dezembro do mesmo ano. O grupo de revolucionários a postos em Cuba aguardava-os em terra firme; porém, em virtude de alguns atrasos e do peso que o iate carregava, houve um desencontro entre eles. Os que aguardavam em Cuba começaram, na data prevista, ações para desviar a atenção do exército de Batista; entretanto, acabaram denunciando a chegada do iate. Por causa disso, foram repreendidos e do conflito sobreviveram 12 expedicionários (SADER, 1992). Conforme os revolucionários iam avançando e conquistando *Sierra Maestra*, Ernesto Guevara ia deixando o papel exclusivo de médico argentino para o de guerrilheiro Che Guevara, reconhecido por suas

estratégias e sucessos em combates, por isso promovido ao posto de Comandante, um dos homens de confiança de Fidel Castro, visto como líder e uma inspiração para os guerrilheiros.

Com suas experiências, entendia a necessidade de se aproximar dos camponeses — que simpatizaram com o movimento que defendia a reforma agrária (SADER, 1992) — o que motivou a criação de postos de saúde, alfabetização de alguns dos seus companheiros e a criação de dois meios de comunicação: o jornal “Cubano Libre”, que denunciava a ditadura de Batista, e a Rádio Rebelde. Com essas ações, angariou legitimidade e apoio à Revolução, crucial para o sucesso do movimento revolucionário.

Em 1º de janeiro de 1959¹² os revolucionários tomaram a cidade de Santa Clara, e depois de quase dois anos de combate a ditadura de Fulgêncio Batista chegou ao fim com a fuga deste e a vitória do Movimento 26 de julho e seus outros grupos aliados. Tal como dito, o movimento não tinha a princípio o caráter marxista, pois o que visava era a conquista da democracia e de sua real independência, com a ascensão do Partido Ortodoxo. No entanto, conforme o avanço da revolução, foram se aproximando do ideário marxista. Dentre os guerrilheiros, Ernesto Che Guevara era aquele que tinha o marxismo como ideologia, não obstante Raul Castro tenha participado do Partido Socialista Popular durante a juventude. O amadurecimento de suas leituras levou Che a entender suas ações considerando a teoria e a importância da conscientização de todos os cidadãos para que a revolução permanecesse. Um exemplo ocorreu quando tomaram o poder: Guevara ao ouvir a afirmação de um dos guerrilheiros de que a revolução havia vencido, respondeu que “Não, ganhamos a guerra. A revolução começa agora” (TAIBO MAHAJO, 2011, p. 270).

1.2. UMA POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA: OS CARGOS DE CHE GUEVARA

A revolução começava de fato e para isso o novo governo revolucionário precisava de membros que nutrissem o desejo pela mudança. Quando fora questionado por Jorge Massetti¹³ em uma entrevista realizada em plena Sierra Maestra do porquê estava em uma pátria que não era a sua, Che respondeu: “estou aqui, simplesmente, porque considero que a única forma de liberar a América de ditadores é derrubando-os. Ajudando a sua queda de qualquer forma. E

¹² No anexo 2 desta dissertação há os marcos da Revolução Cubana.

¹³ Jornalista argentino que exclusivamente acompanhou a luta revolucionária em Sierra Maestra. Posteriormente, integrou o Exército Guerrilheiro do Povo, grupo armado argentino com inspirações guevaristas.

quanto mais direta, melhor”¹⁴ (GUEVARA, 1957 apud GARCÍA, 2017, p. 77). E esse caráter revolucionário foi fundamental para todas as posições ocupadas por ele no novo governo.

Seu primeiro cargo foi o comandante de La Cabaña, “antigo bastião da ditadura” (GARCÍA, 2017, p. 27). Em 26 de novembro de 1959, foi escolhido para ser o presidente do Banco Nacional; uma decisão política como apontado por Pericás (2018). Não obstante, sua escolha também foi importante para a economia cubana, pois mostrava ao mundo que um banco estaria a partir daquele momento sendo dirigido por um tomador de decisões não liberal e atento às necessidades revolucionárias, mesmo sem uma formação acadêmica em economia¹⁵. Conforme Pericás (2018) citou, Che “criou estímulos para mobilizar créditos para as atividades que mais interessavam aos novos dirigentes, assim como permitiu a emissão de moeda para cobrir os déficits orçamentários.” (PERICÁS, 2018, p. 39), além de ter retirado “instituições financeiras internacionais controladas por Washington (FMI, Bird, BID)” (PERICÁS, 2018, p. 41). Ademais, contou com um equipe formada por professores e economistas latino-americanos — sendo parte deles marxistas — que não só ministravam aulas para ele, como também prestavam auxílio nas decisões envolvendo o Banco Nacional (PERICÁS, 2018).

A presença de Che na área industrial começou com sua nomeação para chefe do Departamento de Industrialização do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), também em 1959. Com a nacionalização de empresas estrangeiras — boa parte delas era estadunidense — os convites sedutores das matrizes atraíram, por exemplo, um grande número de engenheiros¹⁶, cerca de 75% até 1961 (SAENZ, 2004). Até 1960, o Instituto já “administrava mais de 60% de todas as indústrias da ilha. Sua função principal [...] era elaborar projetos que tivessem como objetivo complementar a reforma agrária e diminuir a pressão da balança de pagamentos.” (PERICÁS, 2018, p. 38). Ele permaneceu nos dois cargos — o de Presidente do Banco Nacional e chefe do Departamento do INRA — recebendo apenas o salário de comandante no valor de 440 pesos. Posteriormente, deixou o cargo de presidente do Banco Central após o seu retorno da expedição aos países socialistas.

¹⁴ Do original, “Estoy aquí, sencillamente, porque considero que la única forma de liberar a América de dictadores es derribándolos. Ayudando a su caída de cualquier forma. Y cuanto más directa, mejor.” (GUEVARA, 1957 apud GARCÍA, 2017, p. 77).

¹⁵ Ao distribuírem os cargos, os revolucionários tentaram designar as funções conforme conhecimento técnico.

¹⁶ Saenz escreveu “Na época da Revolução, havia, em Cuba, aproximadamente seis mil médicos; desses, mais de três mil abandonaram o país nos dois ou três primeiros anos. A situação na área de engenharia foi ainda mais grave.” (SAENZ, 2004, p. 59).

Por questões de sobrecarga ao Departamento, criou-se o Ministério da Indústria, em 1961. Suas prévias experiências e visão marxista revolucionária foram cruciais para que assumisse o cargo de Ministro, uma vez que essa era uma área dominada por empresas estrangeiras e a que mais precisava de ajustes. Entre seus deveres estava o de desenvolver a autodeterminação tecnológica cubana, superando a “fuga de cérebros” promovida pelos Estados Unidos ao chamarem técnicos para suas matrizes, além de enfrentar o problema de grande parte do maquinário ser estadunidense. Realizada a aproximação com o bloco soviético e, por conseguinte, a transferência de peças de reposição e máquinas, os cubanos tiveram que lidar com a não compatibilidade do maquinário presente na ilha, pois estes seguiam as características estadunidenses, como sistema de medidas e padrão energético (SAENZ, 2004). Ainda tiveram a reposição de peças impossibilitada devido ao rompimento das relações e suas exportações limitadas pelo bloqueio econômico (SAENZ, 2004).

Dessa maneira, o sentimento revolucionário se fez presente na gestão de Che Guevara. Saenz (2004) afirmou que “‘cumprir’ se converteu em uma ação de dever compreendida e assimilada e não em um ato burocrático” (p. 67), com um forte sentimento de responsabilidade inculcado e que o melhor a ser feito era para o povo cubano. Além disso, cada dirigente deveria inspecionar pessoalmente, independente do grau de importância da fábrica. Che acreditava que essas visitas estimulavam os trabalhadores, pois sentiam que os dirigentes se preocupavam com eles. Além de problemas técnicos, ele enfrentou também as ameaças externas da invasão da Baía dos Porcos¹⁷, em 1961, e a crise dos mísseis¹⁸, em 1962.

Outrossim, atuou como representante do governo revolucionário, sendo “um dos primeiros embaixadores itinerantes da jovem revolução cubana” (TAIBO MAHAJO, 2011, p. 297), participando inclusive de delegações cubanas em organizações internacionais¹⁹. Visitou países como República Árabe Unida²⁰, União Soviética, República Popular da China, Índia,

¹⁷ Tentativa de invasão de mercenários, apoiados pelos Estados Unidos. Diante este fato, as tensões entre os dois países acirrou-se.

¹⁸ Período de “maior tensão da Guerra Fria” (AYERBE, 2004, p. 50) entre Estados Unidos e União Soviética por conta da instalação de mísseis soviéticos em Cuba, como resposta à presença de mísseis estadunidenses em território turco. Findou-se ao 13º dia em um acordo entre Nikita Kruchov e John Kennedy.

¹⁹ Algumas ideias presentes nesta seção e na próxima foram anteriormente trabalhadas no trabalho monográfico apresentado para a conclusão no curso de Relações Internacionais, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2016. No entanto, nesta dissertação elas se apresentam de forma aprofundada e agregadas a novas percepções.

²⁰ País formado com a união de Egito e Síria e desfeito em 1961.

Japão e Iugoslávia. Em viagens e visitas de cunho comercial e em busca de reconhecimento do novo governo, Che Guevara conseguiu a assinatura de alguns acordos para que a economia e a industrialização cubana alavancassem, assim como a solidariedade internacional e apoio dos demais países diante das ameaças estadunidenses ao território cubano. No ano de 1959, isto é, o primeiro ano do governo revolucionário, viajou por três meses a países da Europa, África e Ásia²¹ para firmar esses acordos de cooperação tecnológica, comercial e cultural, além da finalidade política em buscar apoio para o novo governo. Por todos países que passou, ganhou uma recepção calorosa, mostrando a ele que a Revolução Cubana conquistara a simpatia de muitos.

Em 1960, partiu novamente como representante visitando majoritariamente países do bloco socialista – URSS, Leste Europeu, China, Coreia do Norte e outros países. O maior produto da pauta exportadora cubana era o açúcar, produto que mais precisava ser escoado, visto que os Estados Unidos era antes da Revolução seu maior comprador. Apesar de Cuba estar com déficits em seu parque industrial por conta de sua especialização no mercado internacional, juntamente com falta de equipamentos compatíveis como já dito, o governo revolucionário manteve o açúcar como principal commodity. Não obstante os acordos selados com União Soviética, China, Coreia do Norte e Mongólia terem sido importantes para a economia, foram também recepcionados com o ideal que Che defendia: a solidariedade internacional diante o bloqueio econômico, visto que o consumo do açúcar cubano era baixo nesses países. Fernandes (2007) apresentou a tabela abaixo, demonstrando essas relações econômicas que representavam a solidariedade. Conforme Mahajo Taibo (2011) explicou, “mais tarde, na televisão cubana, esclarece que entende que o convênio tem um fundo político, que é uma demonstração de solidariedade diante da tentativa de isolamento que os estadunidenses estão impondo” (MAHAJO TAIBO, 2011, p. 330).

²¹ Para saber mais, há um interessante documentário de Tristán Bauer, “Che um hombre nuevo” de 2009.

Figura 1 - Tabela de exportações e importações em Cuba.

TABELA 7 – CUBA: Exportações e importações por principais países
1959/1969 e 1970 a 1975*

	1959/1969		1970		1971		1972		1973		1974		1975	
	Exp.	Imp.												
A. Milhões de pesos														
Total	633	878	1.049	1.311	861	1.388	771	1.189	1.152	1.467	2.236	2.226	2.952	3.113
União Soviética	233	409	529	691	304	731	224	714	477	811	811	1.025	1.662	1.250
Outros países da Europa														
Oriental	86	102	149	136	160	143	126	117	171	124	316	172	231	251
Espanha	28	27	41	37	36	33	40	16	52	40	176	62	226	152
Outros países da Europa	58	113	66	272	64	260	75	148	102	228	241	443	233	693
Japão	28	10	108	33	99	60	138	45	171	87	384	175	222	361
Outros países da Ásia	87	94	130	97	138	101	109	87	118	105	199	165	156	129
Canadá	6	17	9	28	11	27	11	18	16	34	83	94	64	98
Estados Unidos	72	73	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Argentina	—	1	—	—	—	—	—	—	—	7	—	56	—	105
Chile	2	1	—	4	20	12	28	11	19	15	—	2	—	—
Outros países	33	31	17	13	29	21	20	33	26	16	26	32	158	74
B. Porcentagens sobre o total														
Total	100,0													
União Soviética	36,8	46,6	50,4	52,7	35,3	52,7	29,1	60,1	41,4	55,3	36,3	46,1	56,3	40,2
Outros países da Europa														
Oriental	13,6	11,6	14,2	10,4	18,6	10,3	16,4	9,8	14,8	8,5	14,2	7,7	7,8	8,1
Espanha	4,4	3,1	3,9	2,8	4,2	2,4	5,2	1,3	4,5	2,7	7,8	2,8	7,7	4,9
Outros países da Europa	9,2	12,9	6,3	20,8	7,4	18,7	9,7	12,5	8,9	15,5	10,8	19,9	7,9	22,3
Japão	4,4	1,2	10,3	2,5	11,5	4,3	17,9	3,8	14,8	5,9	17,2	7,9	7,5	11,6
Outros países da Ásia	13,7	10,7	12,4	7,4	16,0	7,3	14,1	7,3	10,2	7,2	8,9	7,4	5,3	4,1
Canadá	1,0	1,9	0,9	2,1	1,3	1,9	1,4	1,5	1,4	2,3	3,7	4,2	2,2	3,1
Estados Unidos	11,4	8,3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Argentina	—	0,1	—	—	—	—	—	—	—	0,5	—	2,5	—	3,4
Chile	0,3	0,1	—	0,3	2,3	0,9	3,6	0,9	1,7	1,0	—	0,1	—	—
Outros países	5,2	3,5	1,6	1,0	3,4	1,5	2,6	2,8	2,3	1,1	1,2	1,4	5,3	2,3

* Extraído de "Cuba. Política económica bajo la revolución", Quadro 10. p. 152.
Fonte: JUCEPLAN, Anuário Estatístico de Cuba, 1974 e 1975.

Fonte: FERNANDES, 2007, p. 202.

Sobre a China, era conhecido o encantamento de Che pelas ideias de Mao Tsé Tung e já planejava viajar um dia até o país asiático antes mesmo de ser líder revolucionário. Se encontraram três vezes, sendo a primeira durante as viagens para selar acordos econômicos. Anderson (1997) escreveu que ele mais queria era conhecer o socialismo asiático, mas conseguiu mais que isso ao fechar um acordo para a venda de açúcar e “um crédito de 60 milhões de dólares para a compra de produtos chineses” (ANDERSON, 1997, p. 341). Retornou de sua visita afirmando que a Revolução Chinesa era um exemplo, recebendo de volta elogios de Mao.

E esse fato irritou os soviéticos, uma vez que China e União Soviética estavam em conflito. A *Questão Chinesa* se iniciou em 1956 quando a relação entre os dois países começou a degradingolar. Kruschew iniciou sua “desestabilização” e optou pela coexistência pacífica, ou seja, o caminho da revolução seria traçado sem violência (GOULART; SILVA, 2017). Mao então criticou esse posicionamento — como Che, que demonstrou seu descontentamento com essa postura no discurso na ONU — por entender que isso aproximou a URSS do imperialismo estadunidense. Além disso, houve o não apoio soviético à busca chinesa no desenvolvimento

nuclear e em uma questão de fronteira com a Índia. Em 1960 houve a ruptura entre os dois países com o cessar dos auxílios prestados pelos soviéticos, o que motivou os dirigentes chineses a adotar uma nova política econômica: o Grande Salto para Frente. Para Castañeda (1997) a “discórdia entre China, URSS e Che não era exclusivamente ideológica, nem se referia somente ao apoio à movimentos revolucionários em outros países” (p. 315)²², mas também econômica.

Como representante internacional, Guevara participou de conferências e reuniões em organizações internacionais, como na conferência do Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES), órgão da Organização dos Estados Americanos (OEA), realizada em agosto de 1961. Em seu discurso, Che (1980) citou o símbolo da Revolução, José Martí²³, transmitiu a importância da liberdade de um povo, abordando a Revolução Cubana e seus êxitos, fez críticas à Aliança pelo Progresso promovida pelos Estados Unidos e denunciou suas constantes agressões. Todavia, em 1962, Cuba foi expulsa da OEA, demonstrando a força dos Estados Unidos em organizações internacionais. Outro momento importante de sua participação em conferências foi o da Assembleia Geral da Nações Unidas, cujo discurso será analisado no próximo capítulo.

1.3. A SAÍDA DE GUEVARA E A BUSCA PELA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO

Em 1963, Che viajou para Argélia depois da chegada de Fidel Castro vindo da URSS. Na capital Argel²⁴, conforme escrito por Castañeda (1997), Che refletiu sobre os rumos que Cuba revolucionária escolhia e foi o “ponto de partida de três iniciativas pessoais de Che, uma de caráter econômico e duas de projeção internacional. Em matéria internacional, Che começou a preparar o terreno de sua nova fuga [...] que [...] se consumará um par de anos mais tarde.”

²² Do original “El nudo de la discordia entre China, la URSS y el Che no era exclusivamente ideológico, ni se refería sólo al apoyo a movimientos revolucionarios en otros países” (CASTAÑEDA, 1997, p. 315).

²³ De acordo com Pereira da Silva (2016) o uso tal simbologia de José Martí ocorreu porque “momentos históricos fundadores da nacionalidade, ou entendidos como centrais para o surgimento e consolidação posterior do país em sua configuração moderna, passam a ser entendidos desde a esquerda como prenes de ideais libertários, comunitários, anti-imperialistas, democratizantes, proto-socialistas”. (p. 7).

²⁴ Em “Discurso de Argel” de 1965, Che disse a respeito sobre as etapas da Revolução “Nosotros no empezamos la carrera que terminará en el comunismo con todos los pasos previstos, como producto lógico de un desarrollo ideológico que marchará con un fin determinado”

(CASTAÑEDA, 1997, p. 304)²⁵. A tentativa em território argentino sob o comando de Jorge Massetti fracassou, mas em solo africano conseguiu perdurar. Já o caráter econômico viria da insistência da URSS sobre Fidel em manter a matriz açucareira, “um menosprezo ou abandono do esforço de industrialização”²⁶ (CASTAÑEDA, 1997, p. 317). Assim, seu afastamento com a URSS se ampliava cada vez mais, enquanto sua presença perdia mais espaço na área econômica de Cuba.

O seu incômodo com a presença soviética e o pensamento que era um dever socialista ter solidariedade internacional e fazer com que o espírito revolucionário atingisse mais países o estimularam a deixar Cuba. Mas para onde iria? Fidel já havia autorizado uma expedição secreta para o Congo, país muito presente nos discursos de Guevara e que lutava por sua independência. Afinal, “Cuba se identificava com as lutas de libertação na África; devia haver uma união entre todos os movimentos anticolonialistas e antimperialistas do mundo, e deveria haver uma causa comum entre eles e a comunidade socialista.” (ANDERSON, 1997, p. 423) e acreditava que o Congo seria deflagrador para a África (TAIBO MAHAJO, 2011). Foram selecionados cubanos negros para essa missão. Apesar de muitos discordarem de seu plano — incluindo o presidente egípcio Gamal Abdel Nasser e os líderes congolese — Che manteve-se firme na luta internacional contra o imperialismo, pois era um dever do revolucionário, apesar da falta de conhecimento do que ocorria na antiga colônia belga (ANDERSON, 1997). Nasser ainda tentou dissuadi-lo explicando “que ele é um homem branco e dessa forma será identificado” (TAIBO MAHAJO, 2011, p.428), mas sem sucesso.

Com o plano em ação, Che foi se retirando de cena aos poucos. Se despediu dos amigos e da família, deixando-lhes cartas e livros. Para o mundo, deixou o texto “Socialismo e o Novo Homem em Cuba”, escrito durante a viagem para o continente africano após discursar na Nações Unidas no final de 1964. Este texto — que será analisado de forma mais densa posteriormente — trouxe uma crítica aos soviéticos, além de ter defendido o humanismo e proposto Cuba como vanguarda para a América-Latina. Em 1º de abril de 1965, Guevara partiu para sua viagem com uma nova identidade: Ramón Benítez; deixou esposa e cinco filhos, além de sua vida política cubana em busca de novas revoluções (ANDERSON, 1997). Chegou

²⁵ Do original “punto de partida de tres iniciativas personales del Che, una de carácter económico, y dos de proyección internacional. En materia internacional, el Che comienza a preparar el terreno de su nueva fuga [...] que [...] se consumará un par de años más tarde.” (CASTAÑEDA, 1997, p. 304)

²⁶ Do original “un menosprecio o abandono del esfuerzo de industrialización” (CASTAÑEDA, 1997, p. 317).

acompanhado de mais cubanos no dia 19 do mesmo mês, em Dar-es-Salam, na Tanzânia. Cuba havia disponibilizado homens e armas para a luta, mas nenhum dos líderes sabia da sua presença na brigada cubana. Sobre a escolha do Congo, ele o fez por acreditar que lá possuía duas características: tinham pedido ajuda aos cubanos e possuíam um vasto campo, com armas chinesas e soviéticas (TAIBO MAHAJO, 2011).

Ele encontrou inúmeras dificuldades nessa luta: falta de conhecimento com armas, questões de saúde dos combatentes, falta de comprometimento com o programa de treinamento e diferenças culturais. Após a primeira derrota, muitos cubanos queriam voltar para casa, faltando o “internacionalismo proletário” que Che muito valorizava. Viu os seus combatentes cubanos perderem vontade de lutar e estava pessimista. Após ter seu acampamento invadido e das inúmeras discordâncias com os líderes, resolveu se retirar do Congo. “Che planejara combater durante cinco anos, mas depois de apenas seis meses estava tudo acabado.” (ANDERSON, 1997, p. 460). Suas memórias foram posteriormente reunidas por ele em “Passagens da guerra revolucionária (Congo)”.

Depois de sair do território congolês, teve que ficar escondido e sob a proteção da agência de inteligência cubana. Passou pela Tanzânia, Tchecoslováquia — hoje República Tcheca — mas se recusava a retornar para Cuba. A decisão de ir para a Bolívia ainda é motivo de debate: Fidel afirmava que tinha sido do próprio Che a decisão, outros afirmam que fora o líder cubano a persuadir a sua ida para a Bolívia (ANDERSON, 1997). Independentemente de quem fora a decisão, seu final trágico é mundialmente conhecido. O primeiro passo foi o “‘acordo’ entre Cuba e o líder comunista boliviano, Mario Monje” (ANDERSON, 1997, p. 467) mesmo com a desconfiança deste sobre os cubanos.

Chegou na Bolívia com a falsa identidade, se passando por um senhor uruguaio de nome Adolfo Mena González. Acreditava que a Bolívia seria o centro, “um novo Vietnã nas Américas” (ANDERSON, 1997, p. 482) e planejava ao se encontrar com Monje — que ainda não sabia da presença de Guevara e por isso esperava se encontrar pessoalmente — pedir-lhe o comando e as finanças, mas nada de política. Uma falta de confiança que para muitos culminou para a queda de Che Guevara.

Ele batizou seu grupo de Exército de Libertação Nacional (ELN), que, embora tenha obtido algumas vitórias, sucumbiu ao Exército boliviano, apoiado pela CIA. Não conseguiu também o apoio da base camponesa, peça fundamental na Revolução Cubana. Com as capturas

de importantes agentes revolucionários e isolado nas matas, Guevara estava fraco e doente. Seus companheiros também padeciam. Em 8 de outubro, através da denúncia de um camponês, um grupo de soldados bolivianos comandados por Gary Prado Salmon cercou o grupo de guerrilheiros. Depois do embate, Che Guevara foi capturado vivo, e segundo o tenente-coronel Selich, ao ser perguntado o porquê fora lutar na Bolívia, teria respondido ““O senhor não vê o estado em que vivem os camponeses?’ [...] ‘São quase como selvagens, vivendo em um estado de pobreza que deprime o coração” (ANDERSON, 1997, p. 505).

Em 09 de outubro de 1967, chegava ao fim sua última aventura²⁷. Mas seu espírito revolucionário permaneceu até o fim. Che Guevara foi a prática e teoria, buscando transmitir a importância revolucionária e socialista, não só dentro de Cuba como também fora da ilha caribenha. E, tal como dito por Fidel Castro, “os escritos de Che, o pensamento político e revolucionário de Che, terão um valor permanente no processo revolucionário cubano e no processo revolucionário da América Latina.” (GUEVARA, 1979, p. 16).

²⁷ Posteriormente seu diário foi publicado: “Diário de um Guerrilheiro” (2011).

2. QUAL CAMINHO PARA A REVOLUÇÃO? A HEGEMONIA DO SOCIALISMO SOVIÉTICO.

O século XIX foi de efervescência no terreno marxista. Em 21 de março de 1871 foi proclamada a Comuna de Paris; anteriormente, na Alemanha, havia um crescente movimento socialista. Desse surgiu o embate dentro da corrente teórica, que resultou no “Partido Social - Democrata Alemão, que viria a ser o primeiro partido operário de massas e o centro de gravitação da futura Internacional Socialista (a II Internacional, criada em 1889)” (NETTO, 2015, p. 13). Tanto Karl Marx quanto Friedrich Engels começaram suas publicações em durante o século XIX, até se conhecerem em 1844 e se tornarem parceiros até o fim de suas vidas. Considerados como “fundadores do socialismo científico [...] realizaram uma nova abordagem da filosofia, rompendo com os limites e incoerências do passado e identificaram os elementos constitutivos do processo de exploração e acumulação do capital” (COSTA, 2010, p. 9), desenvolvendo “os fundamentos teóricos do socialismo e do comunismo, cujos aportes se transformaram em filosofia do proletariado” (COSTA, 2010, p. 9).

Se antes os socialistas utópicos representados por Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen sugeriam a libertação de toda a humanidade — e portanto não apenas da classe operária — Engels compreendia que para ter uma validade e ser uma ciência era crucial que o marxismo se adequasse “em termos científicos” (COSTA, 2010, p. 14). E com a introdução de Hegel na filosofia à dialética — e ideias em movimento — levou Engels e Marx em suas críticas “retomarem a questão do materialismo [...] tendo a dialética como norte das concepções do mundo” (COSTA, 2010, p. 15). Assim, através de “uma série de fenômenos sociais ocorridos no sistema capitalista contribuiu para uma melhor compreensão da história, especialmente em função da emergência do movimento operário” (COSTA, 2010, p. 15).

Dessa maneira, ao longo das diversas obras publicadas pelos “fundadores do socialismo científico” (COSTA, 2010, p. 9) é possível compreender conceitos que perpassaram o século; como, por exemplo, alguns expostos em “Manuscritos Econômico-Filosóficos” (MARX, 2010), publicado postumamente e escrita antes de seu encontro com Engels²⁸. Nesta obra, Marx apresentou a sua primeira “crítica à economia política de Adam Smith, J. -B Say e David

²⁸ A partir deste trecho, buscou-se apresentar neste capítulo as obras clássicas de maneira cronológica, entendendo a importância de ser assim para mostrar como a teoria foi sendo construída e lida.

Ricardo” (JINKINGS, 2010, p.7) e ao idealismo de Hegel. Nas páginas que esboçam suas percepções joviais sobre Hegel.

Também expôs sobre a estranheza do trabalho, cujo homem trabalharia para gerar capital para outro. Em outras palavras, “se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, um poder estranho que está diante dele, então isso só é possível pelo fato de pertencer a um outro homem fora o trabalhador” (MARX, 2010, p. 86). Logo, o seu resultado seria a propriedade privada, uma “consequência necessária do trabalho exteriorizado” e o indivíduo não cumpriria o papel enquanto pessoa, mas sim como trabalhador, peça necessária para a manutenção da “classe de escravos”. Para ele, seguindo “os princípios da economia nacional, o trabalho não é mercadoria porque não é o livre resultado de um mercado livre” (MARX, 2010, p. 37).

Assim, o capital em seu significado para Adam Smith e trazido por Marx seria “uma certa quantidade de trabalho armazenado” (MARX, 2010, p. 40) e este se apresentaria como

poder de governo (Regierungsgewalt) sobre o trabalho e os seus produtos. O capitalista possui esse poder, não por causa de suas qualidades pessoais ou humanas, mas na medida em que ele é proprietário do capital. O poder de comprar (kaufende Gewalt) do seu capital, a que nada pode se opor, é o seu poder. (MARX, 2010, p. 40).

E o detentor deste capital o vê crescer através de diversas razões. Ganharia pela divisão do trabalho e também através do “progresso que [...] o trabalho humano realiza sobre o produto natural [...] não eleva o salário, mas, em parte, o número de capitais passíveis de ganho e, em parte, a proporção de cada capital subsequente com o anterior” (MARX, 2010, p. 45).

Em outra obra, “Crítica ao Programa de Gotha” (2012), Marx apresentou seus comentários acerca da união entre a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães e Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Alemães, ambos partidos ligados ao operariado da Alemanha. Ele criticou e observou diversos pontos do documento dessa unificação e pode-se destacar alguns, como sobre o trabalho. Para ele a ideia exposta nas Glosas Marginais do Partido Operário Alemão de que “o trabalho é a fonte de toda a riqueza e toda cultura” (MARX, 2012, p. 23) é errada dentro de um programa socialista, pois seria “a natureza [...] a fonte dos valores de uso [...] tanto quanto é o trabalho [...] apenas a exteriorização de uma força natural, da força

de trabalho humana” (MARX, 2012, p. 23). Ademais, “os meios de trabalhos são monopólios dos proprietários fundiários [...] e dos capitalistas” (MARX, 2012, p. 26).

Tão logo, a identificação da classe operária como opositora à burguesia, exposta assim no Manifesto Comunista, sem ser corrompida pelo capital como outras classes, aparece como a única revolucionária, pois “sendo ele mesmo um fruto do solo da grande indústria, busca eliminar da produção seu caráter capitalista, o qual a burguesia procura perpetuar” (MARX, 2012, p. 34). Esta, por sua vez, outrora havia sido revolucionária “em face da aristocracia feudal e das classes médias [Mittelständen], que desejam conservar todas as posições sociais criadas por modos de produção ultrapassados” (MARX, 2012, p. 34). No entanto, essas três classes não são “uma só massa reacionária” (MARX, 2012, p. 34).

Marx também abordou sobre o Estado. Para ele, a conversão de um Estado em algo subordinado à sociedade é a liberdade que pode-se alcançar (MARX, 2012). Este conceito também foi amplamente discutido por Lênin em “Estado e a Revolução” (2017). Baseando-se nas suas leituras feitas das obras de Marx e Engels, Lênin demonstrou que “o Estado era uma máquina de dominação e opressão da classe” (DEL ROIO, 2017, p. 18). Logo, “nenhum Estado é livre nem nacional” (LENIN, 2017, p. 42) se contrapondo a social-democracia. Lênin ainda comentou sobre a ideia de Engels no que se refere ao definimento do Estado. Para este (2015) ao se assumido pelo proletariado o Estado é extinto enquanto representação burguesa (ENGELS, 2015; LENIN; 2017). Uma vez que há a ditadura do proletariado como passagem de uma sociedade capitalista para a comunista, o Estado é importante para que esse processo se conclua (LENIN, 2017). E foi a não destruição deste que permitiu “o sucesso dos bolcheviques” (WERTH apud LOSURDO, 2010 p. 107).

No entanto, qual o caminho de transformações esperado por Marx ao criticar o Programa de Gotha? Afirmou que “entre a sociedade capitalista e a comunista, situa-se o período da transformação revolucionária de uma na outra. A ele corresponde também um período político de transição, cujo o Estado não pode ser senão a ditadura revolucionária do proletariado” (MARX, 2012, p. 43).

Por fim, a questão do internacionalismo, tão abordada pelos marxistas das gerações posteriores, também foi destacada por Marx (2012) em seus apontamentos sobre Gotha. Começou afirmando que não era necessário escrever sobre a Internacional. Porém, isso não

significava retroceder naquilo já proposto, destacando esperar que na versão estivesse presente que

embora o Partido Operário Alemão atue inicialmente no interior das fronteiras estatais a eles impostas [...] ele está consciente de sua solidariedade com os trabalhadores de todos os países e [...] sempre pronto [...] a cumprir as obrigações que lhe são impostas por essa solidariedade. (MARX, 2012, p. 53)²⁹.

Entretanto, como nas demais teorias, a disputa pela leitura oficial, e por conseguinte hegemônica, também permeou o marxismo. O conceito de hegemonia, segundo Dumenil, Löwy e Renault (2009), foi expandido por Antonio Gramsci na identificação de que “todo Estado é uma combinação da ditadura e de hegemonia, isto é, de coerção e de dominação política, cultural e intelectual” (DUMENIL; LÖWY; RENAULT, 2009, p. 62)³⁰. Logo, quando a Revolução Russa foi vitoriosa, rompeu com a hegemonia da II Internacional e construiu uma nova (DIAS, 2017), sendo esta uma “hegemonia das classes subalternas” (BIANCHI, 2007, p. 20). Dessa maneira, “a hegemonia se constrói no processo de ascensão social das forças sociais até então excluídas do aparelho estatal por meio de sua capacidade de dirigir política, intelectual e moralmente às maiorias sociais” (BIANCHI, 2007, p. 20).

Apesar de diversos partidos terem participado da III Internacional, foram “os soviéticos” – conquistados pelo Partido Comunista – que puderam exercer “uma influência decisiva e, chegado ao poder com a Revolução de Outubro, pôs-se imediatamente em ação para realizar na práxis sua imagem de futuro” (HEGEDUS, 1986, p. 15). Já em 1938, iniciou-se processo do desmonte “do pensamento bolchevique soviético com o folheto famoso de Joseph Stalin, em que ele orienta a redução da teoria de Marx, Engels e Lenin a uma filosofia especulativa e uma ideologia de obedecer, classificar e legitimar” (HERÉDIA, 2018, p.170-171).

Posto isto, este capítulo tem como fim apresentar de maneira breve, porém precisa, um panorama sobre como a interpretação soviética se estabeleceu como oficial ao longo do mesmo século e — pressuposto utilizado nesta dissertação — edificou uma hegemonia dentro da teoria.

²⁹ No texto final do Programa de Gotha estava escrito que “O Partido Operário Socialista da Alemanha, embora atuando inicialmente no âmbito nacional, está consciente do caráter internacional do movimento operário e decidido a cumprir todas as obrigações que esse movimento impõe aos trabalhadores para realizar a fraternização de todos os homens”. Este texto foi aprovado em 25 de maio de 1875, semanas após os escritos de Marx.

³⁰ Do original “tout État est une combinaison de dictature et d’hégémonie, c’est-à-dire, de coercion et domination politique, culturelle et intellectuel” (DUMENIL ; LÖWY ; RENAULT, 2009, p. 62).

Afinal, “o impacto do stalinismo se faz sentir, apesar de tudo, por exemplo, numa percepção mais “autoritária” do Partido Comunista” (LÖWY, 2017, p. 81).

2.1. A COMMINTERN

A III Internacional ou Internacional Comunista (Comintern) se iniciou em 1919, com o primeiro congresso realizado na União Soviética. Apesar de ter sido formada com o objetivo de ser um “órgão organizativo e fórum de discussões do caminho para a revolução comunista mundial” (HENN, 2007, p. 119), a III Internacional foi erigida pelos soviéticos e recebeu uma forte influência da revolução de 1917, pois “havia uma importância destacada dos soviéticos russos em seus quadros e nas diretrizes elaboradas, afinal tratava-se da única revolução socialista ainda vigente no globo até então” (HENN, 2007, p. 119). Ademais, a III Internacional tinha “um projeto revolucionário julgado realizável em breve tempo e visto como garantia das conquistas da primeira revolução proletária já vitoriosa” e afirmava que “a expansão do processo revolucionário e a defesa do seu primeiro bastião se acham inseparavelmente unidas na estratégia do ‘partido mundial da revolução’” (BOBBIO, et al. MATTEUCCI; PASQUINO, 1998. p. 646).

Diversos congressos ocorreram durante a III Internacional, sendo a característica marcante desta nova ordem marxista a ruptura com as ideias da social democracia da II Internacional e certa rigidez em suas análises marxistas. Também foi apresentando o realismo revolucionário e assim abandonando o humanitarismo revolucionário — especialmente nos quatro primeiros congressos (LÖWY, 2017). De acordo com Agosti (1985) esse foi o momento para “um laboratório” para “a teoria política do marxismo” e se tornou um “sinônimo de dogmatismo rígido, de esquematismo levado ao extremo, em suma, de paralisia daquele espírito crítico que é a própria essência do marxismo” (AGOSTI, 1985, p. 99). Promoveu-se também uma “política ‘centrista’” (JOHNSTONE, 1985, p. 13) e de partidos “estruturados em torno da atividade parlamentar, pacífica e legal” (JOHNSTONE, 1985, p. 13) com o partido comunista focado na formação de “‘células’ em cada fábrica” (JOHNSTONE, 1985, p. 14). E de “um encontro entre o marxismo revolucionário ocidental e experiência russa [...] com uma concepção de poder entendido como democracia proletária” (AGOSTI, 1985, p. 49).

Para o programa formulado e aprovado pela III Internacional três fatores a constituíram (AGOSTI, 1985). O primeiro foi a “herança ideológica da Segunda Internacional” (AGOSTI, 1985, p. 48), especialmente com a tentativa de Lênin em trazer pontos que considerava positivos, como a luta contra o imperialismo. O segundo fator foi a experiência obtida pelos bolcheviques durante a Revolução Russa; entre seus pontos aprovados estava a tomada de poder pelo proletariado com a instituição de “novas formas de organização que fossem expressão da democracia proletária” em substituição das burguesas. Assim, a “ditadura do proletariado [...] devia ser a alavanca para a expropriação imediata do capital e para a abolição da propriedade privada dos meios de produção” e sua tática de era a “ação das massas” (AGOSTI, 1985, pp. 47-48). E o último fator foi o “esforço de reexame estratégico a que as correntes de esquerda do movimento operário se viram obrigadas pela orientação” (AGOSTI, 1985, p. 48). Logo, buscava-se com a união desses pontos uma democracia proletária.

Johnstone (1985) classificou que “nenhum marxista, antes ou depois de Lênin, dedicou como ele uma parte tão grande da própria atenção teórica e prática ao problema do partido” (JOHNSTONE, 1985, p.15). Não obstante, como afirmado por Aricó (1987), esperou-se 30 anos a partir da Revolução Russa para que um novo acontecimento ocorresse para retirar do ostracismo o marxismo: a Revolução Cubana³¹. De fato, “a construção sistemática de uma teoria política marxista da luta de classes, ao nível organizativo e tático, foi obra de Lenin” (ANDERSON, 2004, p. 21), criando “conceitos e métodos necessários para a condução de uma vitoriosa luta proletária pelo poder na Rússia, dirigida por um partido operário experiente e devotado”. Assim, a vanguarda do operariado no partido esteve frequentemente na ideia da construção do socialismo.

De acordo com Henn (2007), a III Internacional variou as suas orientações para os partidos, seguindo como a própria da URSS se posicionava no cenário internacional. Como destacado por este autor, houve momentos em que “não se admitia a aliança com nenhuma classe social que não fosse o proletariado e o campesinato”; porém, também houve aqueles que “aceitavam-se setores da burguesia com histórico de combates intransigentes aos comunistas” (HENN, 2007, p. 120). Ainda segundo ele, nos Congressos que se seguiram na III Internacional,

³¹ Torna-se importante pontuar que nesse período indicado por Aricó ocorreu a Revolução Chinesa, liderada por Mao Tsé Tung, em 1949. Esta também desafiou a hegemonia marxista soviética ao promover uma revolução comunista em um país também agrário.

a orientação tática aos países coloniais e semicoloniais foi diferente, como pode se ver no quadro adaptado a seguir:

Tabela 1- Sobre as instruções dadas às colônias e semicolônias.

Congresso	Instrução dada aos quadros nas colônias e semicolônias
I Congresso (1919)	As revoluções nas colônias seriam consequência das que ocorreriam nas metrópoles.
II Congresso (1920)	As revoluções se dariam em caráter democrático-burguês, com apoio exclusivo dos movimentos nacional-democráticos.
III Congresso (1921)	Nessa etapa, a tática proposta permaneceu a mesma. No entanto, a prioridade era a revolução na Europa e a partir desse momento adotou a frente única com demais movimentos de esquerda, indicação que perdurou até 1935.
V Congresso (1924)	No período entre 1925 e 1927, a estratégia dada era a formação do bloco das quatro classes, formada por “proletariado, campesinato, intelectualidade pequeno-burguesa e democratas urbanos”. Esta última se referia à burguesia nacional.
VI Congresso (1928)	Formação de soviets, que conduziriam a revolução “desde as transformações democráticas-burguesas até [...] o socialismo.
VII Congresso (1935) e durante a II Guerra Mundial	As revoluções seriam somente antifascistas.

Fonte: Henn, 2007, p. 120.³²

Apesar da ideia de que o marxismo-leninismo³³ se iniciou logo com a formação da III Internacional, Agosti (1985) pontuou que na verdade a partir de meados do século XX foi que essa linha se consolidou. E, como destacado por Kohan (2013), o materialismo dialético — ou DIAMAT para os soviéticos — se tornou hegemônico na “filosofia do marxismo” (KOHAN, 2013, p. 113) tanto como ponto de partida para críticas, quanto para defensores. Dentre estes estava Stálin, que escreveu sobre o que entendia dessa filosofia e do plano econômico. Para ele o “leninismo é o marxismo da época do imperialismo da revolução proletária. Mas exatamente: o leninismo é a teoria e a tática da revolução proletária em geral, a tática da ditadura do proletariado em particular” (STÁLIN, 1954b, p. irreg). Acreditava também que não poderia

³² Este quadro traz somente as posições propostas aos países coloniais e semicoloniais, que notoriamente estavam localizados na América, Ásia e África. Para maiores informações, consultar o texto de Henn (2007) na versão integral.

³³ Alcinha dada apenas após Lenin morrer.

haver “consciência socialista [...] se não há um prévio desenvolvimento das forças produtivas e dos instrumentos técnicos.” (KOHAN, 2013, pp. 122-123)³⁴. Mais adiante, ver-se-á que posteriormente Che discordou dessa visão, como exposto por Kohan (2013).

Existia também dentro do partido a disputa pela hegemonia e “a arena privilegiada de conflito entre os diferentes projetos objetivando construção da hegemonia por meio do consenso ativo dos governados é exatamente o Estado” (POGGI, 2012, p. 109). Stálin saiu vencedor dessa disputa, mesmo ao interpretar o socialismo “nos aspectos econômicos desta construção, isto é, no domínio numérico das empresas socialistas com relação às capitalistas” (MEDVEDVE, 1986, p. 78). Além de acreditar que seria pelo mercado a superação do capitalismo. O Partido Comunista soviético também recebeu influência desse aspecto econômico, uma vez que seus dirigentes que pensavam dessa forma — grupo que contava com Stálin — assumiram as rédeas e destinaram seus esforços por uma economia planificada. Sendo assim, a “partir de cerca de 1930, a legitimidade política do Partido Comunista residia em larga medida na sua pretensão de ser o elemento essencial do desenvolvimento econômico” (MCNEAL, 1986, p. 244) deixando para trás sua função de organizador da massa (MCNEAL, 1986).

Destarte, esse modo de interpretar e exercer o socialismo ficou conhecido como *stalinização*, que seria “desenvolvimento do terror, do Estado burocrático e do governo autocrático” (LEWIN, 1986, p. 235). A partir de 1938 Stálin “codifica a filosofia que deve ser consumida em nome do marxismo em um texto chave para a dogmatização perdurável do pensamento marxista”³⁵ (HERÉDIA, 2018, p. 196).

Esse conceito teria como características

a teoria do socialismo em um país, URSS: submissão, de fato, do movimento comunista internacional ao objetivo de construir a revolução por etapas nos países coloniais ou semi-coloniais, começando com a China - as condições econômicas e sociais não permitem uma revolução socialista nestes países, eles devem primeiro passar por uma revolução nacional-democrática, impulsionada por uma aliança entre o proletariado, o campesinato e a burguesia nacional. (DUMENIL; LÖWY; RENAULT, 2009, p. 111)³⁶.

³⁴ Do original “conciencia socialista [...] si no hay previo desarrollo de las fuerzas productivas y los instrumentos técnicos.” (KOHAN, 2013, p. 122 e 123).

³⁵ Do original “codifica la filosofía que debe ser consumida en nombre del marxismo, en un texto clave para la dogmatización perdurable del pensamiento marxista” (HERÉDIA, 2018, p. 196).

³⁶ Do original “parmi les plus importantes: la théorie du socialisme dans un pays, l'URSS: soumission, en fait, du mouvement communiste international à l'objectif de construire révolution par étapes dans les pays coloniaux ou semi-coloniaux, à commencer par la Chine - conditions économiques et sociales ne permettent pas une révolution

2.2. A LOCALIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA PARA OS SOVIÉTICOS

Há a ideia generalizada de que a América Latina — não obstante seus dirigentes terem ido para a URSS — permaneceu marginalizada nas discussões da Internacional Comunista. Dentre as possíveis justificativas estariam a geografia e o fato de não existir uma expectativa pela revolução nessa parte do mundo, uma vez que a própria Europa e China eram os prováveis locais das futuras revoluções (JEIFETS, 2017). Porém, no ano de 1927 a primeira turma de latino-americanos chegou à Moscou para cursos ministrados pela URSS. E a partir de 1931 este número aumentou com “uma maior atenção que o Comintern deu para a América Latina” (JEIFETS, 2017, p. 37)³⁷. No entanto, a ideia sobre ela era de “países semicoloniais” (JEIFETS, 2017 p. 37)³⁸, como pode-se observar na Tabela 1. Aricó (1987) também abordou essa percepção soviética de que somente durante a III Internacional o problema colonial latino-americano foi reconhecido. No entanto, ressaltou que ainda se entendia que o proletariado — traduzido em um pequeno contingente nas cidades dessa parte do mundo — era importante para se alcançar a revolução. O autor também trouxe que após a questão chinesa, a percepção de Stálin sobre o “bloco de quatro classes” foi “generalizado para os outros países semicoloniais, inclusive a América Latina” (ARICÓ, 1987, p. 441).

Outro fato sobre a difusão da visão soviética foi que, em 1930, a URSS publicou clássicos traduzidos de Lenin e Stalin levando ao mundo sua compreensão sobre marxismo³⁹ — especialmente a DIMAT já citada. Kohan (2013) destacou ainda que a América Latina herdou de Stálin a ideia de que “a história é concebida em sua visão como o passo mecânico de uma série invariante de diferentes fases que necessariamente se sucedem umas às outras, em escalada”⁴⁰ (KOHAN, 2013, p. 122). Dessa maneira, podemos levantar aqui a questão da

socialiste dans ces pays, ils doivent d'abord subir une révolution nationale-démocratique, animée par une alliance entre le prolétariat, la paysannerie et la bourgeoisie nationale” (DUMENIL ; LÖWY ; RENAULT, 2009, p. 111)

³⁷ Do original “la mayor atención que la Comintern prestó a América Latina” (JEIFETS, 2017 p. 37).

³⁸ Do original “países semi-coloniales” (JEIFETS, 2017 p. 37). Vale salientar que Jeifets destacou que essa nomenclatura foi dada a partir do VI Congresso em 1928. No entanto, para esta dissertação optou-se por incluir no quadro a definição de Henn (2007) dada em seu texto por entender que retrata melhor a ótica da Internacional sobre a América Latina desde sua criação.

³⁹ Hobsbawm em sua obra afirmou que “the type of Marxism which became overwhelmingly predominant – that of the Communist International – did not demonstrate any very strong attraction for Western intellectuals, especially those of bourgeois origin.” (HOBSBAWM, 2011, p. 261).

⁴⁰ Do original “La historia es concebida en su óptica como el paso mecánico de una serie invariante de distintas fases que se suceden necesariamente unas a otras, en escalera.” (KOHAN, 2013, p. 122).

formação dos quadros dos partidos comunistas fortemente atrelados aos ensinamentos e visões soviéticas. Para os PCs, a etapa que a América latina deveria alcançar seria a “nacional-desenvolvimentista” para que assim pudessem fomentar a revolução.

Sobre a consciência, Kohan afirmou que no pensamento stalinista não poderia existir “a construção de uma consciência socialista [...] se não há desenvolvimento prévio das forças produtivas e dos instrumentos técnicos” (KOHAN, 2013, p. 122), o que posteriormente foi contestado com Che. Isso porque

Stalin desenvolve a teoria do atraso de consciência, para a qual o último inevitavelmente e necessariamente deve ser precedido por as mudanças no mundo exterior. Portanto, atribui-se a característica de sempre atrás do mundo real, que desenvolve mudanças materiais com um avanço cronológico invariante em relação à consciência. (KOHAN, 2013, p. 122)⁴¹.

Diante do exposto, o que se considerou como um marxismo ortodoxo seguiu a mesma visão de Antonio Gramsci, que afirmou em suas notas produzidas na prisão que

A ortodoxia não deve ser procurada neste ou naquele seguidor da filosofia da práxis, nesta ou naquela tendência vinculada a correntes estranhas à doutrina original, e sim no conceito fundamental de que a filosofia da práxis ‘basta a si mesma’, contém todos os elementos fundamentais para construir uma concepção de mundo total e integral, uma filosofia e teoria das ciências naturais, e não somente isso, mas sim, também, para vivificar uma organização prática integral da sociedade, ou seja, converter-se em uma total, integral civilização (GRAMSCI, V. 1, Q 11, § 27, p. 152).

Portanto, a apresentação do marxismo soviético, suas nuances e entendimentos para a América Latina enriqueceram o debate sobre uma disputa de hegemonia dentro da teoria marxista. Entender questões sobre as etapas da revolução e a formação da consciência do indivíduo permitem a próxima discussão que será posta. Logo, o próximo capítulo terá como objetivo apresentar o *corpus* teórico escolhido para esta dissertação para ilustrar o marxismo de Che Guevara perante a periferia global.

⁴¹ Do original “Stalin desarrolla la teoría del retardo de la conciencia, para la cual esta última inevitable y necesariamente debe ser precedida por los cambios en el mundo exterior. Por lo tanto, se le atribuye la característica de ir siempre a la zaga del mundo real, el cual desarrolla cambios materiales con una antelación cronológica invariante en relación con la conciencia” (KOHAN, 2013, p. 122).

3. “HAY QUE ENDURECERSE SIN PERDER LA TERNURA JAMÁS”⁴²: AS PALAVRAS NA REVOLUÇÃO.

Em quais aspectos Che Guevara formulou um marxismo original? Seria o “homem novo” defendido por ele uma tabula rasa e potencialmente se expandiria para além da experiência cubana? Como dito na Introdução, estas foram as perguntas que nortearam esta dissertação. Considerando “que o marxismo é limitado a um pensamento europeu importado para nossa região, com algumas e muito poucas expressões importantes relevantes e poucas contribuições próprias.” (BÓRQUEZ; REYNA, 2017, p. 2)⁴³, neste capítulo recorri aos textos que explanaram o marxismo de Che na forma de palavras e conceitos.

Koselleck (1992) escreveu que “não é toda a palavra existente em nosso léxico que pode se transformar num conceito e que portanto tem uma história” (p. 135); na verdade, são aquelas palavras que nos remetem a um conteúdo e, por conseguinte, à história. Nesse sentido, a construção de um conceito acontece quando uma palavra se transforma em um referencial histórico e, portanto, se torna geral e abstrata. O autor ainda pontua que “a história dos conceitos coloca-se como problemática [...] a partir de quando determinados conceitos são resultados de um processo de teorização” (KOSELLECK, 1992, p. 136). Partindo desse esclarecimento, nos textos apresentados foram ressaltados os conceitos que mais se destacaram no marxismo de Che. Ainda, as localizações temporais desses textos demandam atenção para que entenda-se o grau de aprofundamento do pensamento de Che em relação às críticas soviéticas. Para tornar-se mais compreensível, construiu-se um quadro teórico para contraposição entre os conceitos soviético e guevarista.

3.1. O DISCURSO NA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS EM 1964

O texto que inicia este capítulo é a transcrição da fala de Che, em 1964, quando como representante cubano compareceu à XIX Assembleia Geral das Nações Unidas, nos Estados Unidos. Che desde o início do governo revolucionário participou de diversas viagens oficiais e reuniões, porém aqui optou-se por este discurso, uma vez que a ONU era considerada uma

⁴² Famosa sentença de Che Guevara.

⁴³ Do original “el marxismo es constreñido a un pensamiento europeo importado a nuestra región, con algunas y muy poco importantes expresiones relevantes y muy escasos aportes propios “ (BÓRQUEZ; REYNA, 2017, p. 2)

oportunidade para nações periféricas exporem seus anseios e suas opiniões nesta época. Objetivou-se recorrer a esse texto para a demonstração das posições revolucionárias de Che, assim como a solidariedade internacional que ele propunha e lutava.

Che iniciou seu discurso com a saudação aos países recém-independentes (Zâmbia, Malaui e Malta) e expressou seu desejo de que aderissem ao Movimento dos Não-Alinhados. Che, ao referenciar os países que haviam conquistado suas independências recentemente e os que integravam o Movimento dos Não-Alinhados⁴⁴, expôs a sólida relação de Cuba com os Não-Alinhados, construída na luta contra o imperialismo. Estendeu sua saudação ao então presidente da Assembleia, Alex Quaison-Sackey, de Gana. Che entendia a importância de Quaison-Sackey ocupar um cargo tão importante em um cenário internacional, pois “reflete essa nova fase histórica de ressoantes triunfos para os povos da África.”⁴⁵ (GUEVARA, 1964), que há pouco tempo estavam “submetidos ao sistema colonial do imperialismo e que hoje [...] se constituíram Estados Soberanos, através do exercício legítimo da autodeterminação.”⁴⁶ (GUEVARA, 1964). E desejou que mais países da África, Ásia e América Latina buscassem sua autodeterminação política e econômica, a exemplo de Cuba, em 1959.

Prosseguindo, criticou o que chamou de tentativa do imperialismo em transformar a Assembleia em um “torneio oratório” (GUEVARA, 1964), sem resolver e atentar às questões importantes. Aqui é necessário trazer à luz o encontro de 1961 na Organização dos Estados Americanos (OEA) — ou como chamado por Che “Ministério das colônias norte-americanas” (GUEVARA, 1964)⁴⁷ — em que a decisão da expulsão de Cuba fora arranjada pelos Estados Unidos com apoio dos demais e impôs um bloqueio econômico à ilha, comprovação da forte influência estadunidense em organismos internacionais criticada por Che. Para ele, Cuba estaria na posição de defender o objetivo pragmático de debater os problemas mundiais, já que a soberania de seu território estava em constante ameaça, especialmente pelo imperialismo estadunidense. Por outro lado, Che pontuou que o socialismo estava se fortalecendo não só

⁴⁴ O Movimento dos Não-Alinhados começou durante a Conferência de Bandung (Indonésia) em 1955. Conforme destacado por Riechers (2012) objetivo de “identificar problemas comuns e desenvolver políticas internacionais compartilhadas” (p. 38) e com a presença de princípios para suas relações internacionais.

⁴⁵ Do original “it reflects this new historic stage of resounding triumphs for the peoples of Africa” (GUEVARA, 1964)

⁴⁶ Do original “subject to the colonial system of imperialism. Today [...] have become sovereign states through the legitimate exercise of their self-determination.” (GUEVARA, 1964)

⁴⁷ Do original, “U.S. Ministry of Colonies” (GUEVARA, 1964).

pelas armas, mas também pela “manutenção da coesão interna, [...] e a decisão irrenunciável de lutar até a morte pelo país e pela revolução.” (GUEVARA, 1964).⁴⁸

Uma das questões mais importantes era a chamada coexistência pacífica, posição definida entre 1955 e 1984 pelos dois *hegemons*⁴⁹ da Guerra Fria – EUA e URSS. Entretanto, a coexistência pacífica se expandia para os demais países? Che Guevara entendia que “o imperialismo, sobretudo o norte-americano, pretende fazer crer que a coexistência pacífica é de uso exclusivo das grandes potências da Terra”⁵⁰ (GUEVARA, 1964). Sua opinião já havia sido exposta na declaração da Segunda Conferência de Chefes de Governo do Movimento dos Não-Alinhados, em que afirmou

coexistência pacífica não pode ser limitada aos países poderosos, se queremos assegurar a paz do mundo. A coexistência pacífica deve exercitar-se entre todos os Estados, independentemente do tamanho, independentemente das relações históricas prévias que os unem e independentemente dos problemas que possam surgir entre eles, em algum momento. (GUEVARA, 1964)⁵¹

Utilizando desse conceito, denunciou inúmeras violações à soberania de países, como Camboja, República Democrática do Vietnã e Chipre, e afirmou que enquanto o imperialismo impõe aquilo que entende desse conceito, é dos países oprimidos a função de ensinar a interpretação correta, alinhada ao socialismo e apoiada pela ONU. Che continuou seu discurso afirmando que

como marxistas, temos mantido que a coexistência pacífica entre nações não engloba a coexistência entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos. Ademais, o direito à plena independência contra todas as formas de opressão colonial é um princípio proclamado no seio desta Organização.⁵² (GUEVARA, 1964)

⁴⁸ Do original “the maintenance of internal unity, [...] and the irrevocable decision to fight to the death for the defense of one's country and revolution” (GUEVARA, 1964)

⁴⁹ De acordo com o teórico crítico Robert Cox (2007) “uma hegemonia mundial é, em seus primórdios, uma expansão para o exterior da hegemonia interna (nacional) estabelecida por uma classe social dominante.” (p. 118). Sendo assim, um *hegemon* seria o Estado que cumpriu essa tarefa.

⁵⁰ Do original “imperialism, particularly U.S. imperialism, has attempted to make the world believe that peaceful coexistence is the exclusive right of the earth's great powers.” (GUEVARA, 1964)

⁵¹ Do original “peaceful coexistence cannot be limited to the powerful countries if we want to ensure world peace. Peaceful coexistence must be exercised among all states, regardless of size, regardless of the previous historical relations that linked them, and regardless of the problems that may arise among some of them at a given moment.

⁵² Do original “As Marxists we have maintained that peaceful coexistence among nations does not encompass coexistence between the exploiters and the exploited, between the oppressors and the oppressed. Furthermore, the right to full independence from all forms of colonial oppression is a fundamental principle of this organization.” (GUEVARA, 1964).

Seguiu para aquilo que salientava em seu pensamento: a solidariedade internacional. Em diversos momentos, a prestou aos países do Terceiro Mundo que lutavam por sua independência e que muitas vezes sofreram com o desrespeito a sua soberania, como já citado. O conceito de solidariedade internacional era “a ideia que esses Estados podem exercer mutuamente um poder benéfico através de suas ações coletivas e as deveriam fazer para melhorar suas situações compartilhadas e provocar mais equidade nas relações entre Estados”⁵³ (RIECHERS, 2012, p.28). Como abordado no capítulo anterior, Che foi representante de Cuba em viagens em que acordos foram feitos entre a ilha e países não só do Bloco Soviético, com objetivos tecnológico e econômico e foram considerados como exemplos dessa solidariedade internacional. E para além desses acordos, existia o apoio moral aos países que buscavam suas independências. Assim, o discurso do Che na Assembleia Geral também foi a oportunidade desses países exclamarem seus direitos pela autodeterminação.

Houve outro momento em que Che abordou sobre essa característica de seu marxismo, ao afirmar que

Queremos esclarecer, mais uma vez, que nossa preocupação pela América Latina está baseada nos laços que nos unem: a língua que falamos, a cultura que sustentamos, o amor comum que tivemos. Que não nos anima outra causa para desejar a libertação da América Latina do domínio colonial norte-americano. Se algum dos países latino-americanos aqui presentes decidir reestabelecer relações com Cuba, estaríamos dispostos a fazê-lo sobre bases de igualdade e não com o critério de que é uma dádiva a nosso governo o reconhecimento como país livre do mundo, porque esse reconhecimento obtivemos com nosso sangue nos dias da luta de libertação, o adquirimos com sangue na defesa de nossas praias frente à invasão yanque. (GUEVARA, 1964)⁵⁴.

Outro ponto foi o desarmamento nuclear, considerado por ele fundamental da XIX Assembleia; afirmou que essa ação de destruição do arsenal atômico deveria ser feita entre todos os países; no entanto, as armas convencionais operavam também através do “braço

⁵³ Do original “idea that these states can exercise mutually beneficial power through their collective action and should do so in order to improve their shared situations and bring about more equal relations between states” (RIECHERS, 2012, p.28)

⁵⁴ Do original, “We want to make clear once again that our concern for Latin America is based on the ties that unite us: the language we speak, the culture we maintain, and the common master we had. We have no other reason for desiring the liberation of Latin America from the U.S. colonial yoke. If any of the Latin American countries here decide to reestablish relations with Cuba, we would be willing to do so on the basis of equality, and without viewing that recognition of Cuba as a free country in the world to be a gift to our government. We won that recognition with our blood in the days of the liberation struggle. We acquired it with our blood in the defense of our shores against the Yankee invasion.” (GUEVARA, 1964).

armado do imperialismo” (GUEVARA, 1964)⁵⁵ e assim os países deveriam detê-las. A questão do respeito aos limites territoriais foi abordada mais de uma vez ao longo do discurso. Che citou o caso do Congo nesta passagem, em que mesmo utilizando-se de armas comuns, cidadãos congolezes morreram por este tipo de arma. Seguiu sua fala trazendo os episódios de *Playa Girón*⁵⁶ e da Crise dos Mísseis, argumentando que Cuba aceitou que a URSS instalasse os mísseis em seu território por uma questão de segurança. Assim, enfatizou que acordos multilaterais só seriam assinados por Cuba quando todos os países tivessem as mesmas obrigações; nesse caminho, a coexistência pacífica seria verdadeira. No entanto, Che repudiou a instalação dos mísseis, pois a URSS não havia respeitado a soberania cubana.

Denunciou também que o território cubano permanecia sofrendo ataques comandados pelo imperialismo estadunidense, porém sem efeito desestabilizador ao governo, já que o povo estava disposto a lutar pela pátria até a morte, conforme exaltado por ele. Dessa maneira, um dos sentimentos invocados por Che foi o de autodeterminação política, econômica e tecnológica numa escala internacional; tema este abordado no primeiro capítulo desta dissertação, pois Che em sua gestão como Ministro da Indústria realizou inúmeras viagens para repor o maquinário cubano e assim reduzir os efeitos negativos do bloqueio econômico.

Também reafirmou o pertencimento de Cuba no grupo dos Não-Alinhados, pois “embora sejamos marxistas-leninistas, os não-alinhados, como nós, lutam contra o imperialismo”⁵⁷ (GUEVARA, 1964). Assim, não poderia existir no sistema internacional um cenário com Estados oprimidos e opressores, pertencente aos imperialismos. Portanto, mesmo com ideologias diferentes, a luta por igualdade e independência aproximavam os interesses cubanos aos dos Não-Alinhados.

Quase ao final do discurso, Che trouxe para debate a proposta de paz de Fidel Castro, composta por cinco pontos: o fim do bloqueio econômico; o cessar de ataques mercenários; também cessar de ataques piratas; o cessar das violações dos espaços aéreo e navais; e a retirada da base de Guantánamo e o retorno desse território para Cuba (GUEVARA, 1964). Afirmou ainda que as questões com relação aos EUA poderiam ser resolvidas, caso houvesse um

⁵⁵ Do original “armed hand of imperialism held back” (GUEVARA, 1964).

⁵⁶ O episódio conhecido como “*Playa Girón*” ocorreu em 1961 quando um grupo de mercenários cubanos treinados pela CIA e apoiados pelo governo estadunidense tentaram invadir Cuba para derrubar o governo revolucionário.

⁵⁷Do original “although we are Marxist-Leninists, because the Nonaligned countries, like ourselves, fight imperialism”. (GUEVARA, 1964)

tratamento igualitário, não de opressor e oprimido. Sobre o último ponto do que seria a proposta, Che se estendeu sobre, ao destacar que durante Segunda Conferência de Chefes de Estado ou de Governo de países Não Alinhados, realizada no Cairo no mesmo ano, os países participantes repudiaram a manutenção da base militar, pois

A Conferência considera que a manutenção pelos Estados Unidos de América de uma base militar em Guantánamo (Cuba), contra a vontade do Governo e do povo de Cuba e contra as disposições da Declaração da Conferência de Belgrado, constitui uma violação da soberania e da integridade territorial de Cuba.⁵⁸ (GUEVARA, 1964).

Para finalizar seu discurso, Che abordou aquilo que mais denunciava: o imperialismo estadunidense. Demonstrou simpatia e apoio cubano aos que também lutavam pela independência e pelos direitos consagrados pela Carta da ONU. No entanto, diversas nações que buscavam isso sofreram com violações aos seus territórios por parte dos EUA, conforme apontado neste discurso⁵⁹. Che acusou o imperialismo estadunidense de agir por meio de “missões militares que participam na repressão interna, organizando as forças destinadas para esse fim em boa parte de países e em todos os golpes de estado.” (GUEVARA, 1964)⁶⁰. Além do mais, apontou que essas intervenções utilizam a suposta defesa das instituições livres, ao mesmo tempo em que — como denunciado por ele — “matam e discriminam seus próprios cidadãos negros⁶¹, contestando o discurso da busca pela liberdade e os acusando de ser perpetuador da exploração e opressão contra os povos do mundo e contra boa parte de seu próprio povo” (GUEVARA, 1964)⁶².

Por fim, enfatizou que Cuba era livre e seria um exemplo para os demais países. A partir daquele momento, os povos marchariam pelas suas independências e não estariam sozinhos. Afinal,

⁵⁸ Do original, “The conference considers that the maintenance at Guantánamo (Cuba) of a military base of the United States of America, in defiance of the will of the government and people of Cuba and in defiance of the provisions embodied in the declaration of the Belgrade conference, constitutes a violation of Cuba's sovereignty and territorial integrity.” (GUEVARA, 1964).

⁵⁹ Che citou que “It is the United States that intervenes. It has done so historically in Latin America. Since the end of the last century Cuba has experienced this truth; but it has been experienced, too, by Venezuela, Nicaragua, Central America in general, Mexico, Haiti and the Dominican Republic.” (GUEVARA, 1964).

⁶⁰ Do original “Military missions that participate in internal repression, organizing forces designed for that purpose in many countries, and also in coups d'état” (GUEVARA, 1964).

⁶¹ De 1955 a 1968, os protestos pelos direitos civis da população negra ocorreram pelos EUA. No ano do discurso, 1964, o então presidente Lyndon B. Johnson assinou a lei que acabou com a segregação racial, a chamada Lei dos Direitos Civis.

⁶² Do original, “perpetrator of exploitation and oppression against the peoples of the world and against a large part of its own population. (Guevara, 1964).

Esta nova disposição de um continente, da América Latina, está traduzida e resumida no grito que, dia-a-dia, nossas massas proclamam como expressão irrefutável de sua decisão de luta, paralisando a mão armada do invasor. Proclama que contem com a compreensão e apoio de todos os povos do mundo e especialmente, do campo socialista, encabeçado pela União Soviética. (GUEVARA, 1964)⁶³.

Assim, o que Che se questionava era como uma nação poderia livrar-se das amarras da opressão; uma opressão que ocorria tanto a nível nacional, quanto internacional. E o socialismo, como vimos no capítulo anterior, era para Che a teoria necessária para a compreensão deste fato e para que os cidadãos vissem essa estrutura hegemônica que dominava as relações. Portanto, esse discurso levantou o tema, no âmbito internacional, da luta de movimentos nacionais dos países por suas descolonizações, pelo respeito às suas soberanias. E salientou como as relações entre os países não poderiam ser feitas em uma coexistência pacífica que perpetuava a exploração entre eles.

3.2. “O SOCIALISMO E O HOMEM EM CUBA”: A CONSTRUÇÃO SOCIALISTA POR CHE

O texto o “Socialismo e o homem em Cuba”, foi escrito em 1965 enquanto Che retornava de viagem à África. Um ano antes, ele havia representado o governo revolucionário cubano na Assembleia Geral das Nações Unidas, posição que ocupou em diversas viagens durante o período que esteve no governo cubano. O ano de 1965 foi o qual Che, ao retornar à ilha, despediu-se de todos (GARCÍA, 2017) e partiu para o Congo (ANDERSON, 1997) para tentar implantar um foco revolucionário no continente (TAIBO MAHAJO, 2011), como abordou-se no capítulo anterior.

O ensaio fora escrito para o jornal do Uruguai *Marcha* e se iniciou com o pedido de desculpas de Che explicando o porquê do tema escolhido. Como dito anteriormente, a questão do homem nessa nova sociedade era fundamental e esse texto foi sua maior demonstração. Acreditava que a Revolução era um movimento permanente, com uma nova educação para o cidadão, com os estímulos morais acima dos materiais, incentivando também o voluntarismo.

⁶³ Do original “this new will of a whole continent, of Latin America, is made manifest in the cry proclaimed daily by our masses as the irrefutable expression of their decision to fight and to paralyze the armed hand of the invader. It is a cry that has the understanding and support of all the peoples of the world and especially of the socialist camp, headed by the Soviet Union.” (GUEVARA, 1964).

Após a justificativa do tema escolhido, Che discorreu brevemente o desenho da Revolução. Abordou o início do movimento com a tentativa do Assalto ao Quartel Moncada, em 26 de julho de 1953, que acabou por não ser bem-sucedido tornando como prisioneiros Fidel e Raúl Castro. Durante a anistia concedida por Batista, Fidel iniciou a montagem da expedição no México, país em que Che também se encontrava. “Chegou a etapa das guerrilhas”, como escreveu Che, “esta se desenvolveu em dois ambientes distintos: o povo, a massa ainda adormecida que era preciso se mobilizar, e a sua vanguarda, a guerrilha, motor impulsionador da revolução, gerador da consciência revolucionária e do entusiasmo combativo.” (GUEVARA, 1986a, p. 88). E por conta dessa vanguarda a vitória foi alcançada, tendo importância no que ele chamou de “proletarização” do pensamento. Deve-se apontar que a guerrilha⁶⁴ era para ele o método de luta e pormenorizado em “Guerra de Guerrilha” em 1960.

Um tema muito importante para seu pensamento marxista abordado em seu texto foi a educação revolucionária, em que se buscava a “entrega total à causa” (GUEVARA, 1986a, p. 88) e utilizava momentos heroicos como exemplos. Assim, na “atitude dos nossos combatentes se vislumbrava o homem do futuro” (GUEVARA, 1986a, p. 88). Além de entender que “o homem era um fator fundamental” (GUEVARA, 1986a, p. 88). Dessa maneira, o indivíduo foi posto no papel principal para a construção do socialismo. Um indivíduo — que antes fora moldado pelo capitalismo, que tinha aspirações individuais e mercantilistas — se transformaria através de um processo com duas vias: uma “educação direta e indireta”, por meio do Estado e do partido na forma direta, tendo escolas e ensino regular como instrumento. Já a pressão das massas já conscientes de seu papel na revolução, pressionando aquelas que não adquiriram isso seria a forma indireta. Assim, o “indivíduo se submete a um processo consciente de autoeducação” (GUEVARA, 1986a, p. 92).

Por consequência, através da educação e o trabalho voluntário, desenvolver-se-ia a consciência do homem novo, nascido da revolução (SILVA, 2011). Conforme dito por Silva (2011),

em todo o processo de construção do homem novo guevarista, a consciência se estabeleceu como o principal fator que determinaria ou não o advento do mesmo. E, para Che, uma das maneiras mais eficazes de se ampliar o grau de conscientização das massas era a educação. (Silva, 2011, p. 71).

⁶⁴ Tática esta que fora utilizada por Mao Tsé Tung, que defendia que os camponeses de sua China semi-agrícola ocupassem a força contra o Estado.

Entendia ser “inverossímil a hipótese do marxismo ‘oficial’ russo da época de, primeiro alcançar-se certo nível das forças produtivas para depois [...] fazer-se surgir um novo tipo de homem” (SILVA, 2013, p. 61), pois para ele ambos — o lado econômico e o lado intelectual — eram processos simultâneos (SILVA, 2013). E pondo Cuba na posição de vanguarda, projetou esse movimento para a ilha, tendo o dever de “criar o homem do século XXI” (GUEVARA, 1986a, p. 102); um homem que não tinha bases filosóficas apenas dos séculos anteriores, pois como um movimento sem precedentes deveria forjar-se em “um esforço teórico, ideológico e prático” (SILVA, 2013, p. 63). Portanto, como destacado por Silva (2013), a presença do homem novo na Revolução seria constante, pois ele representaria o papel de “ser social comunista” (SILVA, 2013, p. 73), ou seja, o “ápice do desenvolvimento da consciência humana” (SILVA, 2013, p. 73).

As massas populares também ocuparam um importante lugar no pensamento de Che e — tal como fora escrito por ele — participaram da Reforma Agrária, na defesa da soberania cubana frente aos ataques imperialistas estadunidenses e faziam parte da construção socialista. Para Che, “à imagem da multidão, marchando para o futuro, ajusta-se o conceito de institucionalização” (GUEVARA, 1986a, p. 96), porém ele atentou que, àquela época, “esta institucionalidade da revolução não se conseguiu” (GUEVARA, 1986a, p. 97). Continuou ao afirmar que procuravam “algo novo que permita a perfeita identificação entre o governo e a comunidade no seu conjunto, ajustadas às condições particulares da construção do socialismo e fugindo o mais possível da democracia burguesa.” (GUEVARA, 1986a, p. 97).

Para ele, Cuba estava passando por um período não identificado por Marx: “o primeiro período de transição do comunismo ou da construção do socialismo” (GUEVARA, 1986a, p. 99). Este apresentaria “violentas lutas de classe e com elementos do capitalismo em seu seio” (GUEVARA, 1986a, p. 99) que poderiam desvirtuar a Revolução. Che compreendia que “as leis do capitalismo, invisíveis para o comum das pessoas [...] atuam sobre o indivíduo sem este se precaver” (GUEVARA, 1986a, p. 91). Nesse sentido, abordou que embora na ideia marxiana houvesse uma transição como consequência da derrocada do capitalismo, fatos demonstraram que as contradições não trouxeram seu fim.

Marx (2012) entendeu que a primeira fase conteria ainda resquícios do capitalismo, permitindo que os meios de produção pertençam a toda sociedade. No entanto, não seria ainda uma sociedade livre das desigualdades alimentadas pelo capitalismo (LÊNIN, 2017; MARX,

2012). Entretanto para Che o caminho percorrido pelos países que proclamavam-se socialistas não deveria se basear nas raízes capitalistas, mesmo que essas parecessem mais fáceis em um caminho para alcançar o socialismo no fim. Tal como citado por Löwy (2011), Che abominava a intenção de “vencer o capitalismo com seus próprios fetiches” (p. 4)⁶⁵.

Por conseguinte, esta preocupação se apresentou de maneira pulsante no pensamento de Che com a sua necessidade de criar um plano econômico — Sistema Orçamentário de Financiamento — alinhado a uma filosofia do humanismo revolucionário, com o surgimento do “novo homem cubano”, estabelecido um vínculo entre ética e moral revolucionárias. Portanto, a implementação do Sistema Orçamentário Financeiro seria o caminho para o socialismo (PERICÁS, 2018). Além disso, pontuou o risco que seria caso essa raiz capitalista se unisse ao “escolaticismo que refreou o desenvolvimento da filosofia marxista e impediu o tratamento sistemático desse período” (GUEVARA, 1986a, p. 104), necessitando assim de uma maior atenção ao planejar a economia.

Um dos “fundadores do marxismo ocidental” (LÖWY, 2017, p. 72) e responsável “por uma interpretação humanista-historicista do marxismo” (LÖWY, 2017, p. 72) junto com o húngaro György Lukács, Gramsci entendia que o conceito de dirigente seria um conjunto de indivíduos responsáveis pela direção: “dirigente das classes aliadas e dominantes das classes adversárias” (GRAMSCI, 1999, p. 41). O marxista sardo encarava o partido como parte da classe operária que direcionaria em todos os momentos e que eventualmente se tornaria a população. Logo, para “que o partido se torne a classe é necessário que a organização crie as condições para realizar a hegemonia dos subalternos. E o primeiro passo [...] é a fundação de um novo Estado” (FERNANDES, 2016, p. 198).

Che possuía um modo próximo disto. Ao abordar sobre o partido, explicitou que este seria como “uma organização de vanguarda” (GUEVARA, 1986a, p. 104), composto pelos melhores quadros, desejando que fossem das massas, “mas quando as massas tiverem alcançado o nível de desenvolvimento da vanguarda, isto é, quando estiverem educados para o comunismo” (GUEVARA, 1986a, p. 104). O partido seria como guia para “levar as massas até ao fim da tarefa revolucionária” (GUEVARA, 1986a, p. 104). De fato, este pensamento se aproxima de Stálin (1954b) que afirmou que o “partido deve incorporar às suas fileiras todos os melhores elementos da classe operária, assimilar a sua experiência, o seu espírito

⁶⁵ Do original, “vencer al capitalismo con sus propios fetiches”. (LÖWY, 2011, p. 4)

revolucionário, a sua dedicação infinita à causa do proletariado” (p. irreg), o que remeteria a uma continuidade na marxismo hegemônico. Entretanto, observa-se que o partido ainda ligado a uma classe apenas. E um dos últimos pontos abordados por ele foi o papel do dirigente. Para ele, na história da Revolução nos

primeiros anos, Fidel deu à revolução o impulso, a direção e o tom, mas existe um bom grupo de revolucionários que se desenvolvem no mesmo sentido do dirigente máximo e uma grande massa que segue os dirigentes porque acredita neles; e acredita neles porque eles souberam interpretar os seus anseios (GUEVARA, 1986a, p. 104).

Sendo Cuba a “vanguarda da América”, para ele os dirigentes precisavam ocupar essa posição. Não haveria uma recompensa material para seus atos, mas seguindo uma perspectiva da tipologia romântica socialista utopista-humanista que no próximo capítulo será melhor apresentada, Che entendia que a vanguarda deveria “ter uma grande dose de humanidade, [...] de senso de justiça e de verdade para não cair nos extremos dogmáticos, escolasticismos frios, no isolamento das massas” (GUEVARA, 1986a, p. 106); uma recompensa que seria a satisfação de cumprir com o propósito revolucionário. Desse modo, conforme escrito por ele, “essa multidão se organiza; a sua organização corresponde à consciência da necessidade da mesma; já não é a força dispersa” (GUEVARA, 1986a, p. 107).

Apesar de ter três textos que exemplificam o pensamento de Che, o “Socialismo e o Homem...” poderia ser considerado o mais completo ao apresentar seu marxismo. Como visto, a partir dessa leitura preocupou-se em cunhar seu pensamento como “marxismo guevarista” para assim demonstrar uma mudança na percepção desta dissertação. De acordo com a definição do dicionário escrito por Dumenil, Löwy e Renault (2009), o termo “guevarismo” representaria então as ideias de Che, com a guerrilha e a crítica à planificação soviética, como já abordado, tendo uma concepção mais radical do comunismo. Os autores ainda indicam que a influência desse método teve ecos em diversos movimentos revolucionários posteriores na América Latina.

3.3. “MENSAGEM À TRICONTINENTAL”: O INTERNACIONALISMO REVOLUCIONÁRIO

Por fim, o último texto escolhido como *corpus* teórico foi o “Mensagem à Tricontinental”, escrito em 1967, em que foram abordadas as questões da intervenção das duas

potências — União Soviética e Estados Unidos — na guerra do Vietnã, além de apontar como os países da Ásia, África e América eram influenciados por interesses estadunidenses. A Tricontinental foi uma conferência organizada em Cuba, em 1966, que buscou a presença de movimentos revolucionários das três partes do mundo que sofriam com as mazelas produzidas pelo imperialismo e tinham lutas anticoloniais: Ásia, África e América Latina⁶⁶.

No início do texto Che questionou a aparente paz que vinha ocorrendo desde o fim da Segunda Guerra Mundial⁶⁷. No entanto, nesses mesmos anos de paz haveria também a fome e a exploração, pondo em xeque para Che a veracidade desse sentimento otimista. E para questionar isso apresentou duas guerras que ocorreram nesse período: Coreia e Vietnã⁶⁸. “Na primeira”, escreveu Che, “após anos de luta feroz, a parte norte do país ficou submersa na mais terrível devastação” (GUEVARA, 1986b, p. 110); a intervenção ali feita teve como falsa a bandeira da ONU, com “países militarmente comandados pelos Estados Unidos” (GUEVARA, 1986b, p. 110) em conflito com o povo e o exército coreano, além de voluntários chineses e assistência da URSS. Já no conflito vietnamita, o povo lutava contra três poderes imperialistas, como destacado por ele: o Japão, a França — ex-colonizador — e os EUA.

Anteriormente a essas guerras, o foco do imperialismo estava na Revolução Cubana e seus desdobramentos⁶⁹. Porém naquele momento, como destacado por ele, o foco estava na então chamada Indochina⁷⁰, com guerras civis e tentativa de expansão do poder estadunidense, que combatia os grupos de resistência no sul. Estaria o Vietnã à própria sorte? Para Che, sim, pois a culpa não seria apenas dos EUA desta situação, como também dos que “vacilaram em fazer do Vietnã parte inviolável do território socialista [...]. E são culpados os que mantêm uma guerra de insultos e ardis, iniciada[...] pelos representantes das duas maiores potências do campo socialista” (GUEVARA, 1986b, p. 113), colocando a volatilidade da manutenção do

⁶⁶ Para maiores informações consultar o site <https://www.thetricontinental.org/pt-pt/sobre/#history>.

⁶⁷ Naquele momento faziam 21 anos desde a derrota japonesa.

⁶⁸ A Guerra da Coreia teve início em 1950 com a parte norte sendo apoiada pela China e a parte sul pelos EUA. O cessar fogo ocorreu através do Armistício de Panmunjom, assinado 1953, em que foi acordado a fronteira definida em 1948 e uma zona desmilitarizada entre os territórios, porém a tensão entre os dois governos permanecem. Já a Guerra do Vietnã ocorreu entre 1959 e 1975, sendo vista como consequência de outro conflito 1946 a 1954: a Guerra da Indochina, uma luta anticolonial. Seu fim estipulou, através da Conferência de Genebra de 1954 dois territórios: o Norte alinhado à URSS e o sul alinhado aos EUA.

⁶⁹ Che mencionou a invasão de *Playa Girón* e a Crise dos Mísseis, momento de tensão que quase culminou em um confronto direto entre as duas superpotências da época.

⁷⁰ Termo cunhado durante a colonização francesa nos territórios que atualmente são os Estados do Vietnã, Laos e Camboja.

equilíbrio de forças sob países periféricos. A indignação de Che nesses trechos demonstrariam a radicalização cada vez maior em seu pensamento e, portanto, cada vez mais voltada para as questões periféricas de luta e de resposta socialista como caminho para suas independências.

E no cenário internacional haveria determinados papéis para “os três continentes atrasados” (GUEVARA, 1986b p. 114), pois na Europa não se poderia esperar que as contradições do capitalismo ocorressem da mesma maneira que na periferia global, já que “os seus problemas [...] e a solução dos mesmos, são diferentes das dos nossos povos dependentes e economicamente atrasados” (GUEVARA, 1986b p. 114). Nesse momento, Che apresentou a sua visão sobre a América, Ásia e África que pôde ser sintetizada pela seguinte tabela:

Tabela 2 - Che e as periferias.

	América	Ásia	África
Características nacionais	Alguma homogeneidade em seu conjunto; Uma burguesia autóctone	Heterogêneo; Lutas de libertação produziram alguns governos progressistas;	Neocolonialismo, com dominação econômica.
Posicionamento dos EUA	Forte atuação dos capitais monopolistas dos EUA. A ação do imperialismo estadunidense seria frear movimentos de libertação. “Não permitiremos outra Cuba”	Geopolítica estadunidense guiou os seus interesses militares sobre esse continente; Maior atenção para península indochinesa e na China; Além da tentativa de penetrar no mercado.	Como não possuíam colônias nesse continente, Che entendeu que era “o reservatório a longo prazo” (GUEVARA, 1986b, p. 117) dos EUA.

Fonte: GUEVARA, 1986b.

Che também apresentou a situação da Rodésia⁷¹ com o imperialismo britânico, que poderia ser explosiva a partir do momento que pegassem em armas, ou seja, uma luta de guerrilha. Este método também foi abordado por ele ao falar da América Latina⁷², que estaria

⁷¹ Atualmente Zimbábue.

⁷² Che escreveu que “Na América Latina, luta-se de armas na mão, na Guatemala, Colômbia, Venezuela e Bolívia, e aparecem já os primeiros indícios no Brasil” (GUEVARA, 1986b, p. 119).

unida em torno de uma língua comum — exceto o Brasil — com “uma identidade tão grande entre as classes que conseguem uma identificação do tipo ‘internacional americano’ [...], os costumes, a religião, o senhor comum” e com “formas de exploração [...] semelhantes” (GUEVARA, 1986b, p. 119). Dessa forma, a luta armada se daria em proporções continentais devido a essas similaridades entre os países.

Acreditava que surgiriam mais revoluções e com elas novos dirigentes, com o povo “formando seus combatentes e os seus chefes no padrão seletivo da própria guerra, e aumentarão os agentes ianques de repressão” (GUEVARA, 1986b, p. 120). Assim, seria “o caminho do Vietnã; é o caminho que os povos devem seguir; é o caminho que a América seguirá” (GUEVARA, 1986b, p. 121); e se antes era “um continente esquecido pelas últimas lutas políticas de libertação”, poderia “sentir através da Tricontinental, pela voz de vanguarda dos seus povos, que é a Revolução Cubana” a tarefa da “criação do segundo ou terceiro Vietnã” (GUEVARA, 1986b, p. 121).

Além do mais, ele pontuou — tal como um marxista-leninista — “que o imperialismo é um sistema mundial, a última etapa do capitalismo” (GUEVARA, 1986b, p. 121). Por isso a necessidade de combatê-lo e eliminá-lo a nível mundial, luta encabeçada por aqueles nascidos nos países explorados, para que acontecesse “a libertação real dos povos” (GUEVARA, 1986b, p. 121) através da inevitável luta armada. E para Che o imperialismo⁷³ teria como líder os EUA. Por isso, a importância do internacionalismo proletário, que seria buscado nos continentes explorados, e cada conquista de liberdade seria uma conquista de todos.

Portanto, ele entendia a união dos povos contra o imperialismo estadunidense como um fator fundamental. Para tanto, buscar-se-ia a vitória através da

destruição do imperialismo mediante a eliminação do seu baluarte mais forte: o domínio imperialista dos Estados Unidos de Norte-América. Tomar como função tática a libertação gradual dos povos, um a um ou por grupos, levando o inimigo a uma luta difícil fora do seu terreno: liquidando as suas bases de sustentação, que são territórios dependentes. (GUEVARA, 1986, p. 125).

⁷³ O termo imperialismo surgiu pela primeira vez com John A. Hobson “Imperialismo: um estudo” de 1902, analisando a exploração inglesa sobre a Índia, significando este conceito de forma negativa (CORRÊA, 2012). Porém, dentre os diversos teóricos, Lênin que teve sua teoria considerada referência sobre o tema, pois entendeu o imperialismo como a fase superior do sistema capitalista com “contraposição entre potências dominantes e nações oprimidas” (GALLISSOT, p. 213). Assim, “a originalidade de Lênin consiste precisamente na capacidade de inserir [...] o princípio da libertação nacional dos povos oprimidos entre os objetivos de sua estratégia revolucionária de luta contra o imperialismo” (GALLISSOT, p. 203).

Ao fim desse texto Che valorizou também a luta vietnamita ao enfrentar o poderio imperialista estadunidense e desejou a possibilidade de “construir um, dois, três Vietnãs” (GUEVARA, 1986b, p. 126), para que assim houvesse uma união com o objetivo de tornar as lutas mais efetivas. Ademais, colocou Cuba como precece nesta luta e à disposição dos demais, pois

Toda a nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo da espécie humana: os Estados Unidos de Norte-América. Em qualquer lugar que a morte nos surpreenda, bem-vinda seja, sempre que o nosso grito de guerra tenha chegado a um ouvido receptivo, e outra mão se estenda para empunhar as nossas armas, e outros homens se disponham a entoar os cantos de luto com o matraquear de metralhadoras e novos gritos de guerra e vitória. (GUEVARA, 1986b, p. 127).

Portanto, a “Mensagem à Tricontinental” trouxe os pontos de solidariedade internacional e a expansão da revolução para além das fronteiras cubanas, pontos importantes no marxismo guevarista. Che escreveu sobre esses pontos e os reforçou ao longo de sua vida revolucionária, especialmente quando decidiu sair de Cuba para implantar novas revoluções no mundo. Era seu desejo que “mais Vietnãs” surgissem, pois entendia que era um dever do revolucionário a internacionalização do movimento.

3.4. UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE O SOCIALISMO SOVIÉTICO E O DE CHE GUEVARA

Nikita Khrushchev assumiu como Primeiro Secretário do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) após a morte de Stálin, em 1953. No entanto, a influência stalinista permaneceu latente, especialmente nos primeiros anos. Conforme explicado por Herédia (2018) “o socialismo mais próximo de 1959 possuía duas vertentes: a dos que aderiram ao partido comunista e ao pensamento marxista da época – o chamado stalinismo – e a de pensadores e ativistas alheios a esse partido.”⁷⁴ (p. 77). Quando Che assumiu seus cargos no governo revolucionário cubano, Khrushchev já acumulava também o cargo de Primeiro-Ministro. Como dito no capítulo anterior, a visão stalinista se tornou a predominante entre o marxismo soviético

⁷⁴ Do original “El socialismo más cercano a 1959 tenía dos vertientes: la de los adherentes al partido comunista y al pensamiento marxista de la época –el llamado estalinismo–, y la de pensadores y activistas ajenos a ese partido.” (HERÉDIA, 2018, p. 77).

e, por conseguinte, o oficial dos Partidos Comunistas do mundo. Embora as ideias advindas da III Internacional e socialismo soviético não serem exatamente a mesma coisa, esta dissertação optou em comparar o pensamento de Che com os documentos dos congressos da Internacional Comunista, abordados através de comentadores no capítulo anterior. Justificou-se essa decisão uma vez que seria inviável fazer uma comparação com todo o *corpus* oficial do marxismo soviético.

Desta maneira, para melhor compreensão, a Tabela 3 foi construída mediante as leituras apresentadas no capítulo anterior e as deste capítulo. O objetivo dele foi entender com maior amplitude como o marxismo guevarista valorizava o indivíduo na construção da sociedade socialista e do papel da periferia no internacionalismo revolucionário. Como observado no capítulo anterior, o marxismo soviético ainda encarava que a América Latina deveria chegar a uma determinada etapa para posteriormente fazer a revolução, ao contrário de Che que reforçou esse caráter revolucionário como fundamental para que não houvesse mais relações exploradoras no sistema internacional.

Tabela 3 - Conceitos identificados durante as leituras.

Conceitos	Textos			
	Discurso na XIX Assembleia Geral das Nações Unidas Che Guevara	O socialismo e o Homem em Cuba Che Guevara	Mensagem à Tricontinental Che Guevara	III Internacional
Partido	<i>Tema não identificado</i>	Formado pelos melhores quadros; vanguarda forte; o partido guiando as massas.	<i>Tema não identificado</i>	Elite da classe operária (HOBSBAWM, 1983, p.14) Partido operário experiente (ANDERSON, 2004, p. 21);

Camponês	União para um novo caminhar na América Latina.	Reforma agrária com a participação da massa	<i>Tema não identificado</i>	Proletário em união com o camponês, mas o primeiro era ainda a vanguarda do processo; Dirigidos pelo proletariado (STÁLIN, 1954a)
Relação Estrutura/indivíduo o Estrutura da Sociedade	<i>Tema não identificado</i>	Uma nova sociedade, com a tomada de consciência; Novo homem Cubano. Peso considerável do indivíduo, da agência individual, voluntarismo	Burguesia sem moral perante o imperialismo. Voluntarismo.	Teleologia da história, materialismo histórico pobre
Solidariedade Internacional	Solidariedade aos países que estavam buscando suas independências, além dos países dos Não-Alinhados. Empenhados em caminhar unidos.	Cuba como vanguarda da América; O internacionalismo revolucionário como dever e necessidade;	Busca pelo desenvolvimento e o internacionalismo proletário; Apoio às lutas e busca pela criação de mais “Vietnãs”. Terceiro Mundo é o centro das revoluções	Papel secundário das semicolônias, etapismo; com Stálin o socialismo seria em um país só.
Autodeterminação	Presente em diversos momentos	<i>Tema não identificado</i>	<i>Tema não identificado</i>	Presente em diversos textos de Lenin (ANDERSON, 2004)
Voluntarismo	<i>Tema não identificado</i>	Importância dos estímulos morais; Busca pela “plena condição humana quando produz sem a	<i>Tema não identificado</i>	Lenin era contra, não obstante ter sido mais voluntarista que a própria III

		[...] necessidade física de vender-se como mercadoria” (GUEVARA, 1986, p. 98)		Internacional (HOBSBAWM, 1983)
--	--	---	--	--------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

O próximo capítulo trará a dimensão da originalidade guevarista em determinados pontos destacados aqui. Viu-se que características como humanismo e o romantismo revolucionário que haviam se perdido nos anos em que o marxismo soviético prevalecera, com Che foram recuperadas.

4. O INDIVÍDUO E A REVOLUÇÃO: A IMPORTÂNCIA E ORIGINALIDADE DO HOMEM NOVO PARA O PENSAMENTO GUEVARISTA

A hipótese apresentada nesta dissertação foi que a teoria de Ernesto Che Guevara trouxe para o marxismo uma “tropicalização” da teoria, ou seja, um marxismo não europeu e sim pensado para a periferia global. Para a comprovação desta foi necessário que ao longo dos capítulos anteriores viessem à luz a história e os textos que compuseram *corpus* teórico com o objetivo de analisar seu pensamento. Somados ao breve histórico do marxismo durante a Terceira Internacional, este derradeiro capítulo tem como proposta considerar aquilo visto como original em Che. Ele, que desde jovem teve contato intenso com a mais diversa literatura, questionou o socialismo real soviético, procurando materializar seu pensamento em ensaios, discursos e com seu trabalho como membro do governo desde o início da Revolução Cubana; um marxismo voltado especialmente para as características cubanas, mas que ele se preocupou demasiadamente em transportá-lo para os demais países da periferia.

De fato ao ler os textos produzidos por ele compreendeu-se de forma similar ao que Löwy (2001) expressou: “de 1959 até 1967, o pensamento de Che evoluiu muito. De fato, foi possível perceber o distanciamento dele cada vez maior das ilusões iniciais acerca do socialismo soviético e do estilo soviético – ou seja, stalinista – do marxismo” (p. 2)⁷⁵. *Pari passu* à sua percepção marxista estiveram as experiências vividas antes e durante a Revolução Cubana; uma revolução em território próximo ao país símbolo do capitalismo, reunindo os anos de luta pela independência colonial da Espanha e posteriormente da outra espécie de dominação promovida pelos EUA (HEREDIA, 1989). Assim, esse conhecimento adquirido ao longo de sua vida permitiu a Che refletir sobre conceitos do marxismo que foram suprimidos pela URSS.

Conforme apontado algumas vezes, Che foi um marxista latino-americano que caminhava fluidamente entre a teoria e a prática. Ou seja, entre o significado mais profundo do conceito de revolução⁷⁶ e suas posições como membro do novo governo revolucionário. A

⁷⁵ Do original “Del 1959 hasta 1967, el pensamiento del Che ha evolucionado mucho. El se alejo cada vez mas de las ilusiones iniciales acerca del socialismo soviético y del estilo soviético – es decir, stalinista – de marxismo.”

⁷⁶ Segundo o Dicionário de Política, a palavra revolução “é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de substituí-las, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera socioeconômica.” (BOBBIO, et al. MATTEUCCI; PASQUINO, 1998. p. 1121). Não obstante, carregaria o significado dentro do marxismo em que Marx e Engels “parle de révolution paysanne à propos de la *guerre des paysanne* du XVI siècle en Allemagne, révolution bourgeoise à propos des grandes révolutions en Angleterre au XVII et en France au XVIII [...] le terme révolutions

priori, o caráter do movimento comandado por Fidel Castro era de libertação. Porém era ao mesmo tempo marxista, embora houvesse certa falta de consciência daqueles que participaram do movimento, como Heredia (1989) apontou. Este autor também afirmou que era necessário uma teoria que abarcasse os componentes de luta pela independência e perspectiva terceiro-mundistas; “teorias e ideias que sejam capazes de integrar ideais e em projetos concretos as necessidades e anseios dos povos do Terceiro Mundo com os [...] que têm poderes socialistas” (HEREDIA, 1985, p. 33)⁷⁷.

Seria notório então o fato que havia a tendência à cópia de teorias europeias. Hobsbawm (2017) afirmou que existiriam “dois fatos geralmente característicos da ideologia latino-americana: (a) a sua dívida evidente para com os modelos estrangeiros e (b) a divergência marcante entre os que esses modelos significam em seus países de origem e no contexto real da política latino-americana” (pp. 141-142). No entanto, também existiram aquelas que “se desenvolveram de forma independente [...] se caracterizaram por combinações de ‘socialismo’ e ‘indigenismo’” (HOBSBAWM, 2017, p. 142).

A obra de Che não se apresentou como algo concluído, com um início, meio e fim. Não obstante sua obra “incompleta” — assim deixada ao morrer tentando promover um foco revolucionário na Bolívia — foi possível extrair definições através “de artigos polêmicos, cartas, gravações e na obra viva do funcionamento de 152 empresas industriais” (TABLADA, 2015, pos. 41). Estas apresentaram aquilo que tentara pôr em prática utilizando sua teoria e que buscava ser uma alternativa ao socialismo soviético. Por isso a importância do acesso e leitura de suas ideias traduzidas em palavras para compreender em qual medida ele se distanciou da ortodoxia soviética/europeia marxista de fato, mesmo com uma revolução em um território que não apresentaria as características esperadas pelo manual soviético. Em outras palavras, “a Revolução de 1959 foi contra todo o saber e as verdades estabelecidas no Ocidente, na esquerda e na academia.” (TABLADA, 2015, pos. 110). Assim, conforme dito por Gramsci, “uma teoria é ‘revolucionária’ precisamente na medida em que é elemento de separação e de distinção consciente em dois campos, na medida em que é um vértice inacessível ao campo adversário.” (GRAMSCI, 1999, V. 1, Q 11, § 27, p. 152).

communiste [...] défini comme la rupture la plus radicale avec les rapport de propriété traditionnels” (DUMÉNIL; LÖWY; RENAULT, 2009, p. 106).

⁷⁷ Do original “Teorías e ideas que sean capaces de integrar en ideales y en proyectos concretos las necesidades y anhelos de los pueblos de Tercer Mundo con los [...] que tienen poderes socialistas”. (HERÉDIA, 1985, p. 33).

4.1. CHE: UM ROMÂNTICO DE SUA ÉPOCA ROMÂNTICA

No entanto, antes de apresentar aquilo que poderia ser a maior originalidade do marxismo guevarista em relação ao soviético, fez-se necessário enquadrar Che em um conceito bastante discutido por vários séculos — o romantismo — deveras característico ao longo da década de 1960 e costumeiramente remetido a ele. Lowy e Sayre (2001) trouxeram os diversos subtipos deste e, dentre todos definidos pelos autores, coube aqui destacar dois deles.

O primeiro a ser destacado nesta dissertação é o socialista utopista-humanista (*Utopian-Humanist Socialist Romanticism*) em que “especificamente autores Românticos ligados a esse tipo constroem um modelo de um socialismo alternativo à civilização burguesa-industrial, uma utopia coletivista” (LOWY; SAYRE, 2001, p. 78 e 79)⁷⁸. Ademais apresentaria uma “crítica não em nome de uma classe (o proletariado), mas em nome da humanidade como um todo e, especialmente, aos que sofriam; é endereçado a todas pessoas de boa vontade” (LOWY; SAYRE, 2001, p. 79)⁷⁹. É importante pontuar que a utopia fora criticada pelo Manifesto Comunista (2001) de Marx e Engels, pois os autores classificados como socialistas utópicos não considerariam a visão do proletariado⁸⁰. Posteriormente, o conceito de utopia foi revisto e de certa forma ressignificado positivamente pelo marxista alemão Ernest Bloch que cunhou o conceito de utopia concreta.

O segundo subtipo é o romantismo marxista (*Marxist Romanticism*) os autores esclareceram que apesar de não ser unânime haveria uma

significativa [...] dimensão romântica no próprio trabalho de Marx e Engels — a dimensão que as vezes não fora notada e que posteriormente foi perdida pelo Marxismo oficial (marcado fortemente pelo evolucionismo, positivismo e Fordismo), o Marxismo da Segunda e Terceira Internacional [...] Porém, a dimensão romântica que está presente no trabalho dos fundadores do Marxismo tornou-se mais central para determinados autores os quais reivindicam ser marxistas, mas que são marginais ou excêntricos em relação à ortodoxia. (LOWY; SAYRE, 2001, p. 82)⁸¹.

⁷⁸ Do original “The specifically Romantic authors linked with this type construct a model for a socialist alternative to bourgeois-industrial civilization, a collectivist utopia” (LOWY; SAYRE, 2001, p. 78 e 79).

⁷⁹ Do original “critique not in the name of a class (the proletariat) but in the name of humanity as a whole, and especially the part of humanity that is suffering; it is addressed to all persons of good will.” (LOWY; SAYRE, 2001, p. 79)

⁸⁰ Engels em “Do socialismo utópico ao socialismo científico” debate de maneira densa sobre o tema, demonstrando a importância de “fazer o socialismo uma ciência” (ENGELS, 2010, p. 63).

⁸¹ Do original “significant [...] Romantic dimension in the work of Marx and Engels themselves—a dimension that has not often been noted and that was later shed by official Marxism (strongly marked by evolutionism, positivism, and Fordism), the Marxism of both the Second and the Third Internationals [...] But the Romantic

Também explicaram o porquê da distinção entre este para os outros tipos de revolucionários:

correntes de sensibilidade romântica são a preocupação central com certos problemas essenciais do marxismo: a luta de classes, o papel do proletariado como uma classe emancipadora universal, a possibilidade de usar forças produtivas modernas em uma economia socialista, e assim por diante - mesmo se as conclusões alcançadas nessas áreas não serem necessariamente idênticas às de Marx e Engels. (LOWY; SAYRE, 2001, p. 83)⁸²

4.2. SERIA CHE UM ROMÂNTICO?

Florestan Fernandes (2007) escreveu que quando Fidel e Che encontraram no marxismo a teoria revolucionária, “a experiência cubana leva ao modelo soviético de transição, mas o que se resulta da prática concreta é uma combinação contraditória de centralização crua, de romantismo revolucionário e de humanismo marxista” (FERNANDES, 2007, p. 35). Mas por que seria Che um romântico? Destarte as tipologias conceituadas anteriormente por Löwy e Sayre, serão possíveis analisar e identificar características de Che como pensador marxista, como revolucionário e como representante cubano. Dessa maneira, compreendeu-se que ele não encaixaria em um subtipo apenas, pois caminharia entre os apresentados. Logo, em cada texto usado como *corpus* teórico pôde-se perceber um traço dessas tipologias no pensamento guevarista.

Entretanto, possivelmente os dois subtipos que mais cabem em Che sejam o romantismo socialista utopista-humanista e o marxista. O primeiro, seguindo o conceito de Lowy e Sayre, apresentaria certa indignação e uma reivindicação carregadas de uma perspectiva universal. Tal traço é visível no discurso feito na ONU, em que Che relatou e denunciou as agressões sofridas por determinados países a Cuba e demais países periféricos, as relações econômicas desiguais de ambos os blocos; assim como fez na “Mensagem à Tricontinental”, em que discorreu sobre a necessidade de uma rede de solidariedade e atenção aos países que lutavam contra as amarras do imperialismo e do capitalismo. Já o segundo caberia a ele, pois foi buscar em Marx a

dimension that is present in the work of Marxism’s founders becomes more central for certain authors who claim to be Marxists but who are marginal or eccentric in relation to the orthodoxy” (LOWY; SAYRE, 2001, p. 82)”

⁸² Do original “currents of Romantic sensibility is the central preoccupation with certain essential problems of Marxism: the class struggle, the role of the proletariat as a universal emancipating class, the possibility of using modern productive forces in a socialist economy, and so on—even if the conclusions reached in these areas are not necessarily identical to those of Marx and Engels.” (LOWY; SAYRE, 2001, p. 83)

“solução para as contradições que originam a sua alienação” (LÖWY, 1999, p. 30) e assim libertar o indivíduo. Seu melhor exemplo é “O socialismo e o Homem em Cuba”, em que discutiu sobre o homem novo e a formação da consciência, manifestando aquilo que Che buscava: um indivíduo sem o individualismo capitalista e se libertando de suas amarras (SILVA, 2011).

4.3. COMO SERIA O VERDADEIRO REVOLUCIONÁRIO?⁸³ A IDEIA E PRÁTICA DO MARXISMO GUEVARISTA

O marxismo do século XX por vezes, como dito ao longo do segundo capítulo, não considerou os conceitos marxianos iniciais ou do chamado jovem Marx. Che mergulhou nessas obras para buscar nesses conceitos aquilo que esperava para a periferia. Afinal, a vanguarda da Revolução Cubana seria a oportunidade de conceituar o homem novo (TABLADA, 2015). Além do romantismo, Che também fora considerado um humanista revolucionário. A concepção deste indivíduo teria como base “Os Manuscritos econômicos-filosóficos” de Karl Marx (2010), que nesta obra expressou sua crítica a um “materialismo ‘burguês’ mecanicista” (FROMM, 2005, p. 21) que ignorava o lado histórico⁸⁴.

Ademais, o indivíduo considerado humanista entenderia que

a única supressão das contradições do capitalismo não é suficiente para tornar possível a emancipação e que a transformação social deve ser guiada pela necessidade de satisfazer as aspirações fundamentais da humanidade. O humanismo revolucionário não repousa sobre a crença ingênua na natureza humana. Ao contrário, a transformação dos homens, criação a qual Che Guevara como Mao chamam de “homem novo”, continua sendo uma das condições de uma sociedade comunista⁸⁵ (DUMENIL; LÖWY; RENAULT, 2009, p. 65).

⁸³ “O verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor.” (Che Guevara).

⁸⁴ Fromm trouxe uma citação de Marx que explicou o que seria para ele o processo histórico: “El modo como los hombres producen sus medios de vida depende, ante todo, de la naturaleza misma de los medios de vida con que se encuentran y que se trata de reproducir. Este modo de producción no debe considerarse solamente en cuanto es la reproducción de la existencia física de los individuos. Es ya, más bien, un determinado modo de la actividad de estos individuos, un determinado modo de manifestar su vida, un determinada modo de vida de los mismos. Tal y como los individuos manifiestan su vida, así son. Lo que son coincide, por consiguiente, con su producción, tanto con lo que produce como con el modo cómo producen. Lo que los individuos son depende, por tanto, de las condiciones materiales de su producción.” (MARX apud Fromm, 2005, p. 22).

⁸⁵ Do original “il s'agit de souligner que la seule suppression des contradictions du capitalisme ne suffit pas à rendre l'émancipation possible, et que la transformation sociale doit être guidée par la nécessité de satisfaire les aspirations fondamentales de l'humanité. L'humanisme révolutionnaire ne repose pas pour autant sur la croyance naïve en une nature humaine. Au contraire, la transformation des hommes, où la création de ce que Che Guevara

Tanto Fidel quanto Che caracterizaram a Revolução Cubana como humanista marxista⁸⁶. Che entendia que “a originalidade e a importância da revolução” (LÖWY, 1999, p. 29) ocorreram justamente por estarem ligadas a esse humanismo. Dessa forma,

tanto o humanismo de Che como o de Marx estão ‘empenhados’ explicitamente numa perspectiva da classe operária [...] a libertação do homem e a realização das suas potencialidades não podem ser alcançadas senão pela revolução proletária, que elimina a exploração do homem pelo homem e instaura o domínio racional dos homens sobre seu processo de vida social. (LÖWY, 1999, p. 31).

Portanto, “o humanismo marxista de Che é, pois, antes de tudo, um humanismo revolucionário, que se exprime na sua concepção do papel dos homens na revolução, na sua ética comunista e na sua visão do homem novo” (LÖWY, 1999, p. 32). E o governo revolucionário “teria caráter popular e humanista porque o objetivo último e primeiro dele seria a satisfação das necessidades fisiológicas, culturais e espirituais do povo cubano” (SILVA, 2011, p. 83), se encaixando assim no significado desse conceito.

No entanto, não se pôde ignorar que esses mesmo conceitos foram lidos com base em seu significado previamente existente. Tomando emprestada a análise de Hall (2006) sobre Gramsci, cujo primeiro afirmou sobre o segundo que “o marxismo fornece os limites gerais dentro dos quais os desenvolvimentos, refinamentos, revisões, avanços, ideias posteriores, novos conceitos e formulações originais de Gramsci operam” (p. 295), esta dissertação também considerou esses limites dos conceitos trazidos por Che, porém com significados ampliados, também carregados de sua vivência.

Antes de expor a originalidade foi importante localizar o pensamento de Che acerca da Revolução, que rompera com um neocolonialismo⁸⁷, passando para o socialismo. Essa etapa, embora não prevista nem por Marx nem pelo marxismo soviético, foi alcançada pelos revolucionários e era vista por Che com três características. A primeira seria que as relações presentes no sistema internacional, fosse economicamente ou questões de soberania, teriam

comme Mao appellent un homme nouveau reste l'une des conditions d'une société communiste” (DUMENIL ; LÖWY ; RENAULT, 2009, p. 65).

⁸⁶ Löwy explicou que no início da Revolução, Fidel a definia como humanista, mas que ao passar e avanço dela e seu alinhamento ao marxismo-leninista tal humanismo fora substituído por um humanismo marxista, mesmo sem abandonar o primeiro. (LÖWY, 1999).

⁸⁷ “O termo neocolonialismo começa a surgir na literatura dos anos 50 para definir as formas de dependência econômica, social, política e cultural a que ficaram sujeitos os países ex-coloniais ou os que, na época, se preparavam para a independência.” (BOBBIO; et al. MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, 181).

traços capitalistas (HEREDIA, 1989). Já a segunda foi que a “dialética revolucionária consiste na criação de uma sociedade baseada em vínculos solidários” (HEREDIA, 1989, pp. 39 e 40) com consciência que as ações devem ter resultados que se afastem das estruturas capitalistas. E por fim e entendendo como a principal, suas ações buscaram superar as contradições soviéticas que ele enxergou.

Como escrito por Herédia (2018)

Os conceitos de partido, Estado, classes, política, economia, construção econômica, sistema de direção, estímulos para trabalho, controle, organização, planificação da economia, ética, internacionalismo proletário, socialismo, comunismo e outros tem significações e uma articulação específica em este meio teórico de Che, meio que dá seu lugar e sua função. (HERÉDIA, 2018, p. 1077)⁸⁸

Conforme ideia introduzida anteriormente, Marx — conforme explicado por Lenin em “O Estado e a Revolução” (2017) — “chamou de ‘a primeira’ fase ou fase inferior da sociedade comunista” (p. 123) o socialismo, em que “na medida que os meios de produção se tornam propriedade comum, pode-se aplicar a palavra ‘comunismo’, contanto que não se esqueça de que esse não é um comunismo completo” (LÊNIN, 2017, p. 123). Alcançaria a fase completa quando “toda a oposição entre o trabalho intelectual e o trabalho físico desaparecerá” (LÊNIN, 2017, p. 121), suplantando a desigualdade e promovendo “o desenvolvimento das forças produtivas” (LÊNIN, 2017, p. 121). Che também entendia o comunismo como sendo uma

superação positiva da propriedade privada, como superação da alienação humana e, portanto, como real apropriação da essência humana por e para o homem, como o retorno total, consciente e obtido dentro de toda a riqueza do desenvolvimento anterior, do homem para si como um homem social, ou seja, humano [...] não se pode ver o comunismo meramente como o resultado de contradições de classes em uma sociedade altamente desenvolvida. (GUEVARA apud TABLADA, 2015, pos. 499).

Sendo assim, Che entendia que a consciência abordada anteriormente era imprescindível para a formulação e manutenção da revolução, tal como para Marx. No entanto, para Tablada (2015), ele foi além de Marx e Lenin nesse aspecto criticista sobre qual sociedade deveria ser moldada com o marxismo e o que deveria ser o socialismo.

⁸⁸ Do original ““Los conceptos de partido, Estado, clases, política, economía, construcción económica, sistema de dirección, estímulos al trabajo, control, organización, planificación de la economía, ética, internacionalismo proletario, socialismo, comunismo y otros, tienen significaciones y una articulación específica en este medio teórico del Che, medio que les da su lugar y su función.” (HERÉDIA, p. 1077)

4.4. O MARXISMO GUEVARISTA

Tal como descrito na introdução, Löwy (2006) traçou uma cronologia do marxismo na América Latina, em que a segunda etapa — de 1928 a 1959 — orientava os partidos comunistas ao redor do mundo a seguirem uma interpretação soviética, portanto calcando a hegemonia desta independentemente da história particular de um país. Dentre as características estavam a revolução por etapas, com uma sociedade composta por quatro classes e com a importância da burguesia nacional para a revolução. Sendo assim, a América Latina deveria chegar a etapa nacional-desenvolvimentista. No entanto, para Che, a revolução deveria ser sem etapas para a periferia, com a aliança entre camponeses e operários.

Che chegou à Revolução já um marxista (LÖWY, 1999), com uma leitura densa feita sobre as principais obras. Durante a Revolução, buscou interpretá-la através do marxismo, entendendo-a como singular, indo de encontro com uma teoria mais ortodoxa, citando inclusive Lenin, já que para este “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário.” (GUEVARA, 1960 apud GARCÍA, 2017, p. 87)⁸⁹. Embora entendesse que de fato o conhecimento teórico facilitaria e evitaria erros, os que participaram da Revolução cubana, mesmo sem uma profunda ciência do marxismo, não eram alheios aos fatos sociais que os cercavam (GUEVARA, 1960 apud GARCÍA, 2017). Assim, eram “revolucionários práticos” (GUEVARA, 1960 apud GARCÍA, 2017, p. 90)⁹⁰. Não obstante, ele procurou repassar seus conhecimentos marxistas para os demais guerrilheiros, sendo uma espécie de professor para eles. Orlando Borrego, em entrevista à Néstor Kohan, por exemplo lembrou dos círculos de leitura que Che fazia para o estudo de Marx (KOHAN, 2003).

Apesar de se considerar marxista-leninista, ele entendia a revolução como permanente e sobre um bloco internacional anticolonialista, conceitos defendidos por Trótski (PERICÁS, 2018). Entretanto, não se considerava um trotskista, assim como não mitificava Lenin. Ao longo de sua presença no governo revolucionário, Che foi se distanciando dos soviéticos no aspecto de interpretação do marxismo, como mostraram seus textos abordados anteriormente, e com fatos que ocorreram enquanto fazia parte do governo revolucionário. Um deles foi quando no

⁸⁹ Do original “sin teoría revolucionaria no hay movimiento revolucionario” (GUEVARA, 1960 apud GARCÍA, 2017, p. 87).

⁹⁰ Do original “revolucionarios prácticos” (GUEVARA, 1960 apud GARCÍA, 2017, p. 90).

episódio da Crise dos Mísseis a URSS retirou o “armamento de Cuba sem consultar o governo da ilha” (PERICÁS, 2018, p. 175). Aliado a isso esteve a questão dos maquinários vindos do bloco socialista que produziam com qualidade inferior, visto que a questão de qualidade era um elemento importante para Che.

Como subsumido, Che era um humanista revolucionário (LÖWY, 1999). Para ele, o movimento revolucionário não negava o humanismo, pois este teria características da revolução em si. Diante disto, vislumbra-se o porquê da importância do indivíduo na revolução e na sua manutenção. Como um marxista-leninista⁹¹, ele considerava que “o marxismo era, antes de tudo, a filosofia da práxis, a teoria revolucionária” (LÖWY, 1999, 33) reiterando os papéis da vanguarda e das massas para uma revolução. Seriam os trabalhadores a conseguir suas emancipações através da educação formal e informal, sendo guiados pelos partidos que criariam condições para tal. Entretanto, ele criticou os manuais soviéticos — os *utchébniki* — que para ele não permitiam o pensar, pois o partido já o fazia pelos cidadãos. (PERICÁS, 2018.)⁹². Em “Socialismo e o Homem em Cuba”, Che destacou a importância do partido em conduzir a massa na busca pela sua consciência. À primeira vista pareceria que ele subordinaria à uma figura central — que neste caso seria o partido — a exclusividade da liderança nesse caminho. Entretanto, se preocupava do poder decisório estar em poucas mãos. Por isso, esperava que a massa alcançasse um nível de consciência que a permitisse integrar o partido (SILVA, 2011).

Sobre os Partidos Comunistas latino-americanos, acreditava que estes se equivocaram em querer reproduzir uma revolução por etapas soviética, uma vez que a burguesia era ligada aos EUA, preferindo a subordinação ao imperialismo estadunidense à revolução. Também entendeu que as condições da sociedade eram os indicadores do tempo de duração de uma revolução. Além do mais, Che também se tornou crítico à burocracia soviética, especialmente após as suas viagens à URSS, em que viu elites formadas no governo, com alguns membros importantes deste governo tendo luxos burgueses e sem a criação do Homem Novo (ANDERSON, 1997). Logo, vislumbrou que haveria neste Estado a manutenção de

⁹¹ Apesar de o termo estar ligado ao stalinismo, Guevara o utiliza em seus textos e discurso para definir a estratégia do partido para alcançar o socialismo, através da guerrilha, das classes operárias e sem as etapas definidas.

⁹² Em uma carta, Che mais uma vez afirmou que “os tijolões soviéticos (manuais) que têm o inconveniente de não te deixar pensar: o partido já o fez por ti e tu deves engolir.” (GUEVARA *apud* TABLADA, 2015, pos. 641).

determinadas bases capitalistas. Isso, para ele, afastava o governo da massa e criava dogmatismo⁹³ e sectarismo, preocupação elucubrada em seus textos.

Tal como Lênin, que acreditava que o papel do comunismo era criar uma geração de homens livres, sem a submissão capitalista. Conforme abordado na próxima seção, Che partilhava dessa ideia já que

a tarefa suprema e última da revolução era criar um homem novo, um homem comunista, negação da dialética do indivíduo na sociedade capitalista, transformando o homem-mercadoria alienado, ou capaz de se tornar, graças ao maquinismo imperialista, [...] um ‘homem-lobo’ [...] porque a sociedade burguesa é baseada, em última análise, na lei da selva. (LÖWY, 1999, p. 42).

De suas posições, muitos tiraram conclusões sobre qual marxismo Che se encaixava. Durante suas conversas com o líder chinês, os Estados Unidos o identificou com “admirador de Mao Tsé Tung e de suas ideias” (PERICÁS, 2018, p. 181) De fato, Che se aproximou do pensamento de Mao, pois apresentava interesse nas obras do líder chinês — ele havia lido *Nova China* enquanto estava na Guatemala — e como dirigente cubano lia aquilo que era traduzido do mandarim para o espanhol. Também foi visto como trotskista, como já citado. Porém, Che tinha ânsia de conhecer a tudo e entendia a importância do debate entre as correntes marxistas, recriminando queixas contra os seguidores da corrente de Trotski.

A despeito disso, Che entendeu a importância de ler todos, de diversas correntes e ideologias. Ao se despedir, escreveu uma carta a Armando Hart, ministro da Educação, na qual pedira não só a publicação de obras marxistas clássicas como Marx e Engels, Lênin, como também as de Rosa Luxemburgo, Kautsky e Hilferding, autores que boa parte dos cubanos desconhecia. Também indicou a publicação dos “grandes teóricos do capitalismo como Marshal, Keynes, Schumpeter, etc” (GUEVARA, 1965 apud GARCÍA, p. 177), com a presença de comentários sobre os temas para buscar uma “construção socialista” (GUEVARA, 1965 apud GARCÍA, p. 177). Afinal, Che compreendeu que era necessário ler o inimigo imperialista para assim poder criticá-lo (PERICÁS, 2018).

⁹³ “Creemos importante la tarea porque la investigación marxista en el campo de la economía está marchando por peligrosos derroteros. Al dogmatismo intransigente de la época de Stalin ha sucedido un pragmatismo inconsistente.” (GUEVARA apud HERÉDIA, 2018, p. 1160).

4.5. O HOMEM NOVO CUBANO: A ORIGINALIDADE

Por volta de 1901, Lênin escreveu “Que fazer?”, obra que abordou a construção do partido e como ele entendia o mesmo. Em determinado ponto da obra, ele transpôs a importância da necessidade da classe operária obter uma educação política para que essa visse as relações de poder para além de seu escopo de classe e sua grande questão era como fazê-lo. A publicação de Lênin ocorreu durante a vigência da Segunda Internacional, na qual muitos partidos operários foram fundados com o objetivo de unificar a luta, além do marco já citado da ruptura entre sociais-democratas e socialistas revolucionários por discordarem do caminho a ser tomado para que o capitalismo fosse superado. Os primeiros acreditavam que através dos mecanismos da democracia alcançariam o objetivo, enquanto os segundos defendiam ser pela ditadura do proletariado.

Che, como um marxista-leninista, também valorizou a educação em Cuba⁹⁴. Em “O Socialismo e o homem...” (GUEVARA, 1986a) ele abordou esse tema, conforme visto no capítulo anterior, trazendo a questão de uma educação direta e uma indireta. Ter uma massa educada, para ele seria sinônimo de uma massa consciente, que entenderia as ações revolucionárias e seu papel na Revolução. Assim “a conscientização adviria com a educação (em geral ofertada pelo Estado Revolucionário liderado pela vanguarda do processo de transição) e com a força de vontade e disciplina de cada cubano que tinha de trazer à tona novos pensamentos (e novas práticas)” (SILVA, 2013, p. 92). Mas essa educação não seria apenas dentro de escolas ou universidades, algo que Che já havia vislumbrado durante o período de Sierra Maestra ao promover alfabetização de seus companheiros e dos camponeses. Sem dúvidas, esse olhar para os mais necessitados contribuiu para o apoio a luta. De acordo com a obra de Silva (2013) para formação do homem novo cubano era preciso “a busca do desenvolvimento racional, espiritual e subsequentemente moral” (p. 89).

Haveria, também, a necessidade de mão-de-obra na ilha, que só seria alcançada com a educação. Com a fuga de cérebros e o bloqueio econômico imposto pelos EUA, o que demonstra a importância de uma “revolução técnica” (HERÉDIA, p. 1989), em que a educação seria um instrumento para que a população se tornasse parte de uma estrutura integrada a

⁹⁴ Essa dedicação do governo sobre a área educacional pode ser vista até os dias atuais. Para maiores informações, consultar https://www.indexmundi.com/pt/cuba/taxa_de_alfabetizacao.html.

economia que também deveria ser revolucionária. Ao adquirir esse conhecimento, os cubanos não seguiriam os países desenvolvidos. Sendo assim, Che encarou que “todos os cubanos tinham obrigação moral de se aperfeiçoarem cotidianamente para assim permanecerem progredindo rumo à libertação completa da consciência e do trabalho” (SILVA, 2013, p. 91).

Dessa maneira para alcançar a consciência do homem novo envolveria uma simples soma da educação com o trabalho voluntário, em que o último seria a forma concreta de aplicar essa nova consciência ao entender que “os trabalhadores voluntários tinham consciência revolucionária mais desenvolvida e, nas atividades, colocavam em prática os verdadeiros ideais de um comunista” (SILVA, 2013, p. 124). Como Cuba estava construindo uma nova sociedade, sem o individualismo anterior à revolução, buscando um novo homem cubano dotado da consciência social, o trabalho voluntário e o estímulo moral acima do material eram parte da reeducação dos cidadãos.

Ademais, o trabalho voluntário era importante economicamente, como na colheita de cana-de-açúcar ou no serviço público, apesar de Guevara não defender essa lógica economicista. Era uma modalidade viva da “ligação concreta entre o labor intelectual e o manual [...] cumprida com prazer e significaria uma participação consciente dos envolvidos, afastando-os da alienação.” (PERICÁS, 2018, p. 159). A partir de 1962, o voluntariado foi organizado pelo próprio Estado, formando brigadas e batalhões, definindo as horas que deveriam ser cumpridas, por exemplo.

Conforme delineado por Silva (2013) “o homem novo era, antes de qualquer coisa [...] um homem consciente” (p. 90). Porém, essa consciência viria conforme a revolução fosse ocorrendo. Para Che, a sociedade comunista seria construída “com a clara consciência do que se estava para erigir” (SILVA, 2013, p. 99), tendo assim a perfeita visão que a educação seria a chave para a “ruptura definitiva com o trabalho alienado e com a alienação evidenciada em suas mais diversas formas de sociedade regida pelo capital” (SILVA, 2013, p. 99). Por isso, o determinismo marxista soviético não caberia nesta revolução, uma vez que as condições não seriam naturalmente dadas, mas sim conquistadas ao longo do processo revolucionário.

Portanto, o homem imerso nessa moral “deve ser, necessariamente, um homem mais rico interiormente e mais responsável, ligado aos outros homens por um vínculo de solidariedade real, de fraternidade universal concreta” (LÖWY, 1999, p. 44). Nesse aspecto,

Guevara se aproximou de Frantz Fanon⁹⁵ que também acreditava na necessidade de um homem novo, compreendendo que o indivíduo seria complexo, apresentando o melhor e o pior, mas que “o melhor tomaria a dianteira” (BESANCENOT; LÖWY, 2009, p. 39).

E como posto na “Mensagem à Tricontinental”, a guerrilha era o método para a revolução. A luta armada seria inevitável por conta do papel submisso da burguesia perante ao imperialismo, se aproximando, mais uma vez, do pensamento de Fanon. A guerrilha, como explicado por Fernandes (2007), foi “essencial porque representou algo parecido com o que foram os partidos socialistas revolucionários em outros países” (p. 92). Em um momento que a URSS defendia a coexistência pacífica, o uso da força para quebrar os laços imperialistas não foi identificado como uma originalidade em si, uma vez que o uso da força já havia sido instrumento de revolução. Mas nesse momento foi um ponto de divergência ao marxismo soviético. Em determinado momento, “Cuba passou a incentivar a insurreição continental, instigada por Guevara, o defensor da revolução pan-latino-americana” (HOBSBAWM, 2017, p. 236) e dos muitos “Vietnãs”, reforçando o ponto de desencontro com o estipulado pelos soviéticos.

Como supracitado, o pensamento de Che condensou ao longo dos anos, alinhado às mudanças ocorridas em Cuba. Seu pensamento econômico era um passo seguinte da formação da consciência do homem. Como abordou Pericás (2018), o Sistema Orçamentário Financeiro foi implementado ao longo dos anos de Che à frente do Ministério da Indústria, cargo que exemplifica a atenção voltada por ele ao assunto, conforme visto em “O Socialismo e o homem...” (GUEVARA, 1986a). Tablada (2015) apontou que este modelo econômico obteve sucesso para a economia cubana e transformou as relações em mais humanas. Além do mais, trouxe para o pensamento marxista de Che uma característica não europeia, uma vez que “pela primeira vez, foi estabelecido um sistema pensado e atuado por um protagonista do e desde o Sul” (TABLADA, 2015, pos. 549).

No entanto, o que havia teorizado para o campo econômico não fora aceito facilmente, o que levou no início dos anos de 1960 a aplicação de dois modelos de planificação, que foram motivo de intensos debates na equipe econômica e existiram concomitantemente em Cuba: o modelo de planificação soviética e o seu de planificação criada, com intensos debates sobre os

⁹⁵ Psiquiatra nascido na Martinica que lutou pela independência da Argélia. Segundo suas biografias, Guevara leu a obra “Os condenados da Terra” de Fanon, publicada em 1961.

resquícios do capitalismo na transição para o socialismo. O primeiro era o “Cálculo Econômico Soviético”, que defendia a existência da “Lei do Valor” na sociedade socialista, usando como argumento o desenvolvimento industrial. Como escrito por Pericás (2018), Che acreditava que ao seguir esse plano, a URSS se tornaria capitalista, pois o NEP traria ainda bases capitalistas para fomentar a estrutura econômica na sociedade socialista. Sendo assim, a URSS não teria superado a alienação, a lei do valor e as relações capitalistas, já que “O “socialismo real” do século XX não conseguiu gerar um sistema econômico que produzisse novas relações econômicas de produção e novas relações sociais” (TABLADA, 2015, p. 15). Um exemplo deste temor pôde ser encontrado ao ler “*Apuntes críticos a la economía política*” (2006), em que Che criticou a União Soviética e seu cálculo econômico.

Como mencionado por Tablada (2015), foi no aspecto econômico “que Che enriquece de modo teórico e prático o lugar da condição humana na teoria marxista” (p. 51). O segundo modelo em questão era o “Sistema Orçamentário de Financiamento”, criado por Che e utilizada por ele durante seu mandato no Ministério da Indústria. Uma planificação centralizada, com unidades de produção ligadas a uma única empresa estatal, que contabilizava o dinheiro como uma unidade de conta e os preços das mercadorias vendidas para os consumidores eram fixados pelo Ministério de Comércio Interior (CARCANHOL; NAKATANI, 2007). Isso contaria com a dominação dos cidadãos e, assim, sem o significado capitalista, pois não envolveria o lucro.

5. CONCLUSÃO

Eric Hobsbawm (2011) destacou que os eventos ocorridos nos países do Terceiro-Mundo influenciaram o marxismo de duas formas: com as lutas de libertação, as quais “muitos desses movimentos e alguns dos novos regimes que emergiram da decolonização foram atraídos por slogans marxistas”⁹⁶ (p. 352) e que em algum momento reivindicaram como propósito final o socialismo. A segunda forma foi que diante desses movimentos

a atenção dos marxistas” se voltou para “as relações entre países [...] desenvolvidos, especificamente sobre as características e problemas da possível transição para o socialismo nessas regiões e sobre as peculiaridades sociais e culturais que afetam seu futuro desenvolvimento”⁹⁷ (p. 353).

O marxismo nos países periféricos ainda enfrentava outra discussão com a gênese do capitalismo. Se na Europa houve a superação do feudalismo⁹⁸ pelo capitalismo, seria necessário essa linearidade para a América Latina, para que assim o socialismo pudesse suplantar o regime capitalista? Para a esquerda radical não, pois

não era uma economia feudal, nem mesmo um conjunto de economias "duais", mas plenamente capitalista. O principal inimigo era a burguesia que, longe de ter interesses contrários ao imperialismo estadunidense, basicamente se identificava com ele e funcionou como agente local do capital americano e do monopólio internacional. Ademais, as condições objetivas para uma revolução bem-sucedida estavam presentes e o socialismo, ao invés da atual [...] "Fase democrática-burguesa", era seu objetivo imediato. (HOBSBAWM, 2011, p. 356)⁹⁹.

Enquanto na III Internacional Stálin assumiu como dirigente do partido e determinou o que seria o socialismo de um país só — logo a União Soviética — Che encarava que seria “preciso levar em conta que imperialismo é um sistema mundial, última etapa do capitalismo,

⁹⁶ Do original “many such movements and some of the new regimes which emerged from decolonisation were attracted to Marxist slogans” (HOBSBAWM, 2011, p. 352)

⁹⁷ Do original “attention of Marxists on the relations between the dominant and the developed countries, on the specific character and problems of the possible transition to socialism in such regions, and on the social and cultural peculiarities which affected their future development.” (HOBSBAWM, 2011, p. 353)

⁹⁸ No “Manifesto Comunista”, Marx e Engels definem “a sociedade burguesa moderna” como “oriunda do esfacelamento da sociedade feudal” (MARX; ENGELS, 2001, p. 24). No entanto, essa classe apenas ocupou o antigo lugar dos senhores, mantendo a oposição de classes (MARX; ENGELS, 2001).

⁹⁹ Do original “was not a feudal economy, or even a set of ‘dual’ economies, but plainly capitalist. The main enemy was the bourgeoisie which, so far from having interests opposed to US imperialism, was basically identified with it and functioned as the local agent of American and international monopoly capital. Moreover, the objective conditions for a successful revolution were present, and socialism, rather than the current equivalent of the ‘bourgeois-democratic stage’, was its immediate objective.” (HOBSBAWM, 2011, p. 356)

e que é preciso derrotá-lo em uma grande confrontação mundial” (GUEVARA, 1989, p. 103 apud PRADO, 2008, p. irreg.).

Durante os quatro capítulos que compuseram esta dissertação, buscou-se desvelá-lo como um teórico marxista, ultrapassando dessa maneira a tradicional associação única de sua figura como guerrilheiro. Com o primeiro capítulo destacou-se as suas vivências que influenciaram diretamente na construção do seu marxismo. Seguiu-se da apresentação do marxismo da III Internacional, na qual a interpretação soviética prevaleceu sobre as demais, alçando uma hegemonia dentre todos partidos comunistas. O lado mecanicista, do socialismo de um país só e etapista soviético foi aprofundado ainda mais quando Stálin ascendeu como herdeiro de Lênin frente à URSS, fase conhecida como stalinismo. Essa interpretação, no entanto, sofreu divergências e contestações igualmente manifestadas naquele capítulo.

Pode-se afirmar que tal como Gramsci¹⁰⁰ — que avançou mais que Lenin na teorização da sociedade sob uma ótica marxista, pois entendeu que era necessário apresentar a análise considerando não só a economia, como também o aspecto político-cultural — Che buscou romper com determinados conceitos e estratégias no marxismo periférico. Gramsci, como escrito por Bianchi (2008), possuía “fontes fundamentais da elaboração teórica” que “não deveriam, portanto, ser procuradas exclusivamente no seio da Internacional Comunista” (BIANCHI, 2008, p. 48). Considerava, pois, problemático enxergar as relações exclusivamente com um olhar economicista causando um aspecto reducionista de analistas. Portanto,

nesse sentido o "economismo" é um reducionismo teórico. Ele simplifica a estrutura das formações sociais, reduzindo sua complexidade de articulação vertical e horizontal a uma única linha de determinação. Simplifica o próprio conceito de "determinação" (que em Marx é uma ideia bastante complexa) em outro cuja função é mecanicista. (HALL, 2003, p. 303).

¹⁰⁰ Torna-se importante pontuar que o organizador da criação do Partido Comunista Italiano, preso em 1926 pelo regime fascista de Mussolini, estimulava um “marxismo autêntico em um período de regressão política e intelectual no movimento operário” (LÖWY, 2017, p. 80). Conforme destacado por Bianchi (2007) “para alguns, Gramsci seria um pensador sulista, “mediterrâneo”, inclinado a tratar de temas próprios à construção de identidades políticas na periferia do capitalismo” (p. 15). Ademais, durante o tempo em cárcere, Gramsci discorreu em formas de notas – que posteriormente seriam reunidos em uma série de livros póstumos, os “Cadernos do Cárcere” – interpretando a filosofia da práxis – o marxismo. Segundo Hall (2003), Gramsci mesmo imbuído previamente de conceitos marxistas trouxe uma adaptação ao marxismo do século XX, pois ele “revisou, renovou e sofisticou amplamente muitos dos aspectos dessa estrutura teórica para torná-la mais pertinente as relações sociais contemporâneas” (HALL, 2003, p. 294). Isso porque ele compreendia a necessidade da constante expansão da teoria.

Para trazer a luz a interpretação aqui proposta recorreu-se, posteriormente, aos textos de Che para discorrer sobre o marxismo identificado aqui como guevarista. Ao acessar suas palavras, conseguiu-se absorver como a Revolução Cubana demonstrou as contradições que possibilitam o movimento revolucionário, estimulando aos demais países periféricos a luta anti-imperialista e anticolonial. Seu romantismo, característica entendida como uma volta a um passado para desenhar um novo futuro, se encontra na crítica à modernidade.

Ademais, pontuou a importância da solidariedade internacional para que esses movimentos promovessem uma rede essencial para a quebra das correntes com os países exploradores no sistema internacional e dentro dos países uma economia sem a presença de instrumentos capitalistas. Dessa maneira, o quarto capítulo elucidou os aspectos originais que Che trouxe para o marxismo voltado para Cuba e para a periferia global. Ele, ao longo de sua “pesquisa política” caminhou para o “marxismo das origens. Aquele em que a humanidade e o indivíduo eram tudo, a raiz e o objetivo do projeto igualitário” (BESANCENOT; LÖWY, 2009, p. 31). Portanto, “o humano, como o ator principal e autêntico sujeito revolucionário, volta a tornar-se o fio vermelho que liga todas etapas de transformação social” (BESANCENOT; LÖWY, 2009, p. 31).

Posto isto, Che Guevara apresentou nos dois campos – o filosófico e o econômico – o resultado da ética e moral revolucionárias, pois “o comunismo é um fenômeno de consciência e não apenas de produção; não se pode alcançar o comunismo pela simples acumulação mecânica da quantidade de produtos dispostos ao povo” (LÖWY, 1999, p. 93). As duas perguntas secundárias que levaram à esta dissertação foram sobre se o homem novo seria uma tábula rasa e se ele potencialmente se expandiria para além da experiência cubana. Como dito, o indivíduo adquiriria a consciência conforme a sua participação na revolução e ao entender a sua importância nesse movimento. Diferentemente de Stálin, cuja a consciência do proletariado

passou a “pertencer” exclusivamente aos dirigentes partidários [...] inviabilizando a possibilidade de uma vida política e partidária efetivamente democrática e, conseqüentemente, obstaculizando as possibilidades da construção do socialismo como forma de autogoverno das massas trabalhadoras (SILVA, 2007, p. 48).

Já Gramsci se aproximou daquilo dito por Lênin. Afirmaria em suas notas que seria na espontaneidade o caminho para consciência e que na “nova concepção do mundo não deve ser imposta burocraticamente pela vanguarda uma vez que sua origem está na própria prática do proletariado” (SILVA, 2007, p. 50). Logo, no partido, a função de “um intelectual orgânico

coletivo da classe” seria “transformar o sentimento das massas em saber da vanguarda (filosofia da práxis) e este em uma consciência estratégica naquelas que permite praticamente toda a classe (e o bloco histórico¹⁰¹ ao redor dela) agir conscientemente no sentido de sua auto-emancipação” (SILVA, 2007, p. 50).

Pari passu com a consciência, Che entendia que “esse homem da transição [...] tem que lutar (no plano objetivo e no ideal) contra o ranço do *modus vivendi* burguês enquanto tenta construir uma nova civilização com novos valores e com uma nova conduta” (SILVA, 2011, p. 46). Dessa maneira, o total desse conhecimento prévio seria importante para que a crítica surgisse, não sendo portanto uma tábula rasa, pois Che, dentro do seu romantismo, considerou o passado, pois o indivíduo sairia do senso-comum no momento que confrontasse o capitalismo. No entanto, o objetivo seria que as gerações futuras nascessem

livres ou libertos, pois o farão em uma sociedade liberta, de homens novos. Precisamente isto é o que alcançará a luta revolucionária que não aponta somente a tomada do poder, mas sim que, a transformação de ser humano, pelo que pode falar de um modelo de estratégia liberadora. (DEVÉS VALDÉS, 2014, p. 509)¹⁰²

Já sobre a possibilidade de sua expansão além dos limites territoriais cubanos, Che buscou personificar o homem novo nele mesmo. Como defensor desse ideal, Che realizava diversos trabalhos como voluntário, atuando por exemplo em trabalhos braçais na construção de escolas, esperando ser um exemplo para os cubanos. Apesar de sua tentativa frustrada de levar a revolução para outros países — a qual nos privou de conhecer a possibilidade de ter novos homens — sua expansão para além de Cuba seria possível, uma vez que o espectro do passado colonial e dependência causada por ele rondam a periferia ainda. Devido a essa percepção houve uma profunda modificação no marxismo, especialmente naquele produzido e voltado para a América Latina.

Diante das perguntas surgiu a hipótese apresentada no início deste capítulo. Devés Valdés (2014) escreveu que a Revolução Cubana marcou os acontecimentos ocorridos naquela

¹⁰¹ Este pode ser entendido como a possibilidade de “reconstruir a unidade entre o programa político e a forma de representação pela mediação do partido. Para o comunista italiano, somente através da combinação entre a reforma intelectual e moral e a reforma econômica, isto é, o programa de mudança da sociedade, é que o partido político pode lutar pela hegemonia de uma classe. Lutar pela implementação do programa comunista é a forma de tornar-se Estado, construindo a hegemonia dos trabalhadores.” (FERNANDES, 2016, p. 201)

¹⁰² Do original “novas gerações nascerão livres ou libertos, pois o farão em uma sociedade liberta, de homens novos. Precisamente isto é o que alcançará a luta revolucionária que não aponta somente a tomada do poder, mas sim que, a transformação de ser humano, pelo que pode falar de um modelo de estratégia liberadora. (DEVÉS VALDÉS, 2014, p. 509).

década com “uma leitura cubanizada do marxismo, em que a guerrilha como método e as massas camponesas como atores foram elementos importantes” (DEVÉS VALDÉS, 2014, p. 508)¹⁰³. Entretanto esta conclusão avançou um pouco mais nessa ideia. Entendia, tal como Lênin e Stálin, a importância da teoria para a revolução; no entanto, o segundo encarava que “a teoria é a experiência do movimento operário de todos os países, considerada sob o aspecto geral” (STÁLIN, 1954b, p. irreg). Che foi além, não apenas considerando o operariado como a vanguarda do movimento, mas sim o indivíduo.

Diante os estudos sobre o marxismo soviético do segundo capítulo e as leituras de e sobre Che, entendeu-se que de fato houve certa originalidade a partir da radicalização marxista de Che; um marxismo guevarista que apresentou determinados contrastes com o modo soviético e que influenciou diretamente nas posições cubanas. Portanto, “a obra de Ernesto Che Guevara é importante não só porque enfrentou o regime de dominação capitalista imperialista, mas também porque desafiou formulando alternativas à doutrina e à ideologia de dominação das castas burocráticas dos regimes da URSS” (TABLADA, 2015, pos. 246). Uma obra inacabada, mas que trouxe inúmeras discussões sobre a filosofia da práxis.

Conforme citado, seu pensamento transformou-se desde 1959 com a Revolução Cubana até sua ida para a Bolívia. Saiu “de um conhecimento geral do materialismo histórico, ainda em processo de amadurecimento, para um marxismo heterodoxo, ágil e dinâmico, aberto a diversas leituras e interpretações” (PERICÁS, 2018, p. 193). Para Tablada (2015)

a interpretação marxista original que Fidel Castro e Che Guevara desenvolveram na década dos anos 1960 tem traços essenciais que a diferencia das variadas interpretações que existiam do marxismo em 1950, resultado de um século de batalhas em distintos cenários geopolíticos e históricos. O marxismo não é uma doutrina, mas um movimento (pos. 341).

E como escrito por Sader (1997), Che sintetizou uma geração; “militante, intelectual, dirigente político, comandante guerrilheiro” (p. 9). Ademais, “constitui ainda hoje um viveiro de ideias e uma fonte de inspiração original” (BESANCENOT; LÖWY, 2009, p. 29), com influência nos zapatistas¹⁰⁴ presentes no México, por exemplo.

¹⁰³ Do original “una lectura cubanizada del marxismo, donde la guerrilla como método y las masas campesinas como actores fueron elementos importantes” (DEVÉS VALDÉS, 2014, p. 508)

¹⁰⁴ O movimento zapatista tem como inspiração a luta de Emiliano Zapata contra o regime de Porfírio Díaz. Desse embate resultou a Revolução Mexicana de 1910. Em 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) dominou Chiapas, região dominada pelo grupo até hoje.

Posto isto, o marxismo de Ernesto Che Guevara deixou como herança não só um conceito derivado de seu sobrenome — guevarista. Resultou também em uma nova possibilidade de entender e praticar a teoria. Devido às suas percepções, movimentos revolucionários se inspiraram no seu homem novo e no seu método. Sua visão marxista permaneceu em Cuba até os dias atuais, com o sentimento revolucionário vivo. Apesar da leitura de seus textos analisados nos proporcionar inúmeros questionamentos os quais esta dissertação não conseguiu abranger de maneira ampla, concluiu-se então que o marxismo de Che expandiu a forma de entender os aspectos históricos e sociais latino-americanos para assim aplicar a teoria nas análises, podendo ter alcançado as demais periferias; uma tropicalização de uma teoria europeia. Afinal, o marxismo não seria uma teoria enrijecida, pois estimularia criticidade daquele que busca nela respostas.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTI, Aldo. O mundo da Terceira Internacional: os “estados-maiores”. *in* Monty Johnstone... [et al. ; coordenação de Eric Hobsbawm] ; tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. **História do marxismo VI: o Marxismo na época da Terceira Internacional; A Internacional Comunista de 1919** ; As Frentes populares . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

AHMAD, Aijaz. “Fascismo e cultura nacional: lendo Gramsci nos tempos de Hindutva”. In. **Linhagens do presente**. São Paulo: Boitempo, 2002

ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara. Uma biografia**. Editora Objetiva. 2007.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental. Nas trilhas do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARICÓ, José. **El marxismo latinoamericano en los años de la Tercera Internacional**. Universidad Autónoma de Puebla, Instituto de Ciencias, 1987.

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: Editora UNESP, 2002

_____. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004 (Coleção Revoluções do século XX).

BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. **Che Guevara: uma chama que continua ardendo**. São Paulo. UNESP, 2009.

BIANCHI, Alvaro. **O laboratório de Gramsci**. São Paulo: Alameda, 2008, p.13-54.

_____. **Estratégia do contratempo: notas para uma pesquisa sobre o conceito gramsciano de hegemonia**. Cadernos Cemarx, nº 4, 2007. Acesso em 09 jul. 2019. Disponível em < <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cemarx/article/view/1278>>

BIANCHI, Alvaro; ALIAGA, Luciana. **Força e consenso como fundamentos do Estado Pareto e Gramsci**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011. p. 31

BÓRQUEZ, Elvira Concheiro; REYNA, Jaime Ortega. **Debatir los diversos marxismos latinoamericanos**. Ciudad de México. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. nº49. 2017. Segunda época. Disponível em: < <https://cpalsocial.org/documentos/478.pdf>> Acesso em 31 de mai 2018.

BOBBIO, Norberto et al. MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política. v. 1**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CARCANHOLO, Marcelo Dias; NAKATANI, Paulo. “**A planificação socialista em Cuba e o grande debate dos anos 1960**”. Revista Outubro, Nº 15. 2007. Disponível em <http://outubrorevista.com.br/a-planificacao-socialista-em-cuba-e-o-grande-debate-dos-anos-1960/>. Acesso em 14 dez. 2018.

CASTAÑEDA, Jorge G., **La vida em rojo**. Col. Del Valle: Alfaguara, 1997.

CORREA, Hugo Figueira de Souza. **Teorias do imperialismo no século XXI : (in)adequações do debate no marxismo**. Orientador Marcelo Dias Carcanholo. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, 2012.

COSTA, Edmilson. “A Concepção Científica do socialismo” *In* ENGELS, Friedrich. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. São Paulo: EDIPRO. 2010.

COX, Robert. “Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método” *In*: GILL, Stephen (Org.). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2007.

DEVÉS VALDÉS, E. (2014). **Pensamiento periférico: Asia-África-América Latina-Eurasia y algo más. Una tesis interpretativa global**. Buenos Aires: CLACSO; IDEAUSACH.

DIAS, Edmundo Fernandes. “A Revolução Russa vista por Gramsci”. *In*: LOLE, Ana; GOMES, Victor L. C.; ROIO, Marcos del (org). **Gramsci e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

DUMÉNIL, Gérard; LÖWY, Michael; RENAULT, Emmanuel. **Les 100 mots du marxisme**. Paris: Presses universitaires de France, 2009.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring**. São Paulo: Boitempo, 2015. (Marx-Engels).

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. São Paulo: EDIPRO. 2010.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDES, Renato C. F. “Robert Michels” *in* PASSOS, Rodrigo D. F.; ARECO, Sabrina. (org). **Gramsci e seus contemporâneos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

FROMM, Erich. **Marx y su concepto del hombre**. México D.F.: Fondo Cultural Económica, 1962.

GALLISSOT, René. O imperialismo e a questão colonial e nacional dos povos oprimidos. *In*: HOBBSAWM, Eric J. **História do Marxismo**. vol. 8. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GARCÍA, María del Carmen Ariet. **Mis sueños no tendrán fronteras**. Havana: Casa Editora Abril, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 1; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do cárcere**, volume 2; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio; COUTINHO, Carlos Nelson. **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GUEVARA, Ernesto. “O Partido Marxista-Leninista” in **Obras de Che Guevara. Textos Revolucionários**. Centro Editorial Latino Americano. São Paulo. 1980.

_____. “O socialismo e o Homem em Cuba” in **Obras de Che Guevara. Textos Políticos**. São Paulo: Global Editora, 1986a.

_____. “Mensagem à Tricontinental” in **Obras de Che Guevara. Textos Políticos**. São Paulo: Global Editora, 1986b.

_____. **“Revolução Cubana”**. São Paulo: Edições Populares, 1979.

_____. **“Discurso proferido na XIX Assembleia Geral das Nações Unidas.”** Washington D.C. 1964.

Disponível em inglês <https://www.marxists.org/archive/guevara/1964/12/11.htm>. Acesso em 12 dez. 2014.

HALL, Stuart. “A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade.” In. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003

HEGEDUS, András. A construção do socialismo na Rússia: o papel dos sindicatos, a questão camponesa, a Nova Política Econômica. In András Hege- dús... (et al.); coordenação de Eric J. Hobsbawm... (et al.); **História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao Stalinismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

HENN, Leonardo Gudes. **A Via Para O Socialismo Latino-Americano: O Embate Entre Haya De La Torre Versus Mariátegui E Mella Na Segunda Metade Da Década De 1920**. Revista Sociais e Humanas. Santa Maria, v. 20, n. 01, jan/jun 2007, 119-125

HEREDIA, Fernando Martinez. **Ché, el socialismo y el comunismo**. Habana. Casa de las Américas. 1989.

HOBSBAWM, Eric et al. **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 6, 1983

_____. **How to change the world: Reflections on Marx and Marxism.** Yale University Press, 2011.

_____. **Viva la revolución: a era das utopias na América Latina.** Editora Companhia das Letras, 2017.

JINKINGS, Ivana. “Nota à edição”. In MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** São Paulo: Boitempo. 2010.

KOHAN, Néstor. **Marx en (tercer) mundo: Hacia un socialismo no colonizado.** Habana:Centro de Investigación y Desarrollo da la Cultura Cubana Juan Martinello. 2003.

KOHAN, Néstor; GOPEGUI, Belén. **Nuestro Marx.** La Oveja Roja, 2013.

JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. **América Latina en la Internacional Comunista. 1919-1943. Diccionario biográfico. Buenos Aires, CLACSO, septiembre de 2017**

JOHNSTONE, Monthy. Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista in Monty Johnstone... [et al.; coordenação de Eric Hobsbawm]; tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. **História do marxismo VI: o Marxismo na época da Terceira Internacional; A Internacional Comunista de 1919; As Frentes populares.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

LENIN. Vladimir Ilitch. **O Estado e a Revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução.** São Paulo: Boitempo. 2017.

LEWIN, Moshe. “Para uma conceituação do stalinismo” in Andrés Hege- dús... (et al.); coordenação de Eric J. Hobsbawm... (et al.); **História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao Stalinismo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LIGUORI, Guido. **Dicionário gramsciano (1926-1937).** Boitempo Editorial, 2017.

LÓPEZ, Martín. **El estado y la revolución en la historia de cuba ¿un ajuste de tuercas al pasado?** TALLER (Segunda Época). Revista de Sociedad, Cultura y Política en América Latina Vol. 4, N° 6 (2015).

LOSURDO, Domenico. **Stalin: história crítica de uma lenda negra.** Rio de Janeiro: Revan, 2010. 2ª edição, março de 2011.

LÖWY, Michael. **Gramsci e Lukács: em direção a um marxismo antipositivista.** Revista O Social em Questão - Ano XX - nº 39 - Set a Dez/2017.

_____. **“Ni calco ni copia”: Che Guevara en búsqueda de un nuevo socialismo.** Conferencia anual de la Fondazione Ernesto Che Guevara. Itália, 2001

_____. **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. 2ª versão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. **O pensamento de Che Guevara**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1999.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Romanticism against the Tide of Modernity**. Duke University Press, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001 – (Coleção L&PM Pocket).

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo. 2012.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo. 2010.

MEDVEDVE, Roi A. “O socialismo num só país” *in* Andrés Hege- dús... (et al.); coordenação de Eric J. Hobsbawm... (et al.); **História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao Stalinismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

PEREIRA DA SILVA, Fabricio. Criação e adaptação das ideias de esquerda na América Latina e na África Subsaariana: uma agenda de investigações *in* PEREIRA DA SILVA, Fabricio; NÓBREGA, Ricardo (orgs.), **Estudos de Teoria Social e América Latina: novos debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2016.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Che Guevara e o debate econômico em Cuba**. São Paulo: Boitempo, 2018.

POGGI, Tatiana. **Faces Do Extremo: Uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012

RIECHERS, C. Russell. **Cuba and the Non-Aligned Movement: Interactions of Pragmatic Idealism**. Washington, DC: School of International Service, American University. 2012.

ROMAN, Maitê; DRESCH, Victor H. **Rompimento Da Aliança Sino-Soviética: A Influência Dos Respective Líderes E Da Política Doméstica Chinesa**. Revista Perspectiva v. 10, n. 19, 2007. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/83690>. Acesso em 09 jul. 2019.

SADER, Emir. **Cartas a Che Guevara: o mundo trinta anos depois**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Cuba, Chile, Nicarágua: Socialismo na América Latina**. São Paulo: Atual, 1992.

_____. **Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

SAENZ, Tirso W “**O ministro Che Guevara: testemunho de um colaborador**”. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências de Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SHELESNER, Anita Helena; LIMA, Michelle Fernandes de. ‘Gramsci e a Revolução Russa: um abordagem dos escritos de 1917-1918’. *In*: LOLE, Ana; GOMES, Victor L. C.; ROIO, Marcos del (org). **Gramsci e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

SILVA, Danielle Costa; RIBEIRO, Renata Albuquerque; OLIVEIRA, Tássia Camila de. “**Análise de Conteúdo de discurso: interpretando a política externa brasileira na fala de seus líderes políticos**”. *In*: Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 6, n. 2, 2015. Disponível em: 10.5380/recp.v6i2.39039. Acesso em: 16 set. De 2018.

SILVA, Julio Cesar Gonçalves da. **Consciência de Classe e Partido Revolucionário em Gramsci**. Cadernos Cemarx, nº 4, 2007. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cemarx/article/view/1279/857>. Acesso em: 09 jul. 2019

SILVA, Newton Ferreira da. **Che Guevara e a construção do homem novo na Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Universitária Leopoldianum. 2013.

_____. **O Pensamento De Che Guevara: Homem Novo, Trabalho E Consciência Na Revolução Cubana**. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/silva_nf_me_mar.pdf. Acesso em: 29 mai. 2019.

SOUZA, Herbert Glauco de. **Contra-hegemonia: um conceito de Gramsci?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9QBFMY/disserta__o_herbert_corrigida.pdf?sequence=1 . Acesso em: 05 nov. 2018.

STALIN, Joseph. “A Revolução de Outubro e a Tática dos Comunistas Russos”. *In Obras*. Editorial Vitória, 1954a, 6º vol. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/tatica/index.htm>. Acesso em: 15 set. 2019.

_____. “Sobre os Fundamentos do Leninismo”. *In Obras*. Editorial Vitória, 1954b, 6º vol. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/leninismo/cap01.htm>. Acesso em: 15 set. 2019.

TABLADA, Carlos. **O marxismo de Che Guevara**. Ruth Casa Editorial. Edição do Kindle.

TAIBO MAHAJO, Francisco Ignácio. “**Ernesto Guevara, também conhecido como Che**”. 3ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

Cinema

BAUER, Tristán. “**Che, um hombre nuevo**”. Argentina/Cuba/Espanha. Documentário. 2010. 133' min.

SALLES, Walter “**Diários de motocicleta**”. Argentina, Chile. Drama. 2004. 2h6min.

ANEXO 1: CRONOLOGIA DE ERNESTO “CHE” GUEVARA¹⁰⁵

- 1928 — Nasce na cidade de Rosário, Argentina, Ernesto Guevara de la Serna
- 1945 — Matricula-se na Faculdade de Medicina de Buenos Aires
- 1952 — Inicia junto ao seu amigo Alberto Granado a viagem pela América do Sul, que posteriormente seria mundialmente conhecida através do filme “Diários de Motocicleta” de Walter Salles. Foi durante essa viagem que Guevara inicia sua contestação sobre as mazelas do capitalismo
- 1954 — Forma-se na universidade e presencia a queda de Jacob Arbenz na Guatemala
- 1955 — Conhece os irmãos Fidel e Raúl Castro no México
- 1957 — Chega a Cuba; é promovido a comandante
- 1958 — Captura a cidade de Santa Clara; o ditador Fulgêncio Batista deixa Cuba
- 1959 — É indicado comandante do forte La Cabaña; nomeado presidente do Banco Nacional de Cuba
- 1961 — É nomeado Ministro das Indústrias
- 1964 — Decide deixar Cuba; discursa à ONU; viaja pela África
- 1965 — Escreve para o jornal uruguaio Marcha “O socialismo e o Homem em Cuba”; se despede de Cuba e viaja para o Congo para dar início a uma guerrilha
- 1966 — Vive clandestinamente na Tanzânia e depois em Praga; volta para Cuba e segue para Bolívia
- 1967 — Escreve em maio “Mensagem à Tricontinental”; é capturado em Quebrada del Yuro e executado com oito tiros na aldeia de La Higuera, Bolívia.

¹⁰⁵ Retirado e adaptado de “No dia da execução de Che Guevara, veja a cronologia do guerrilheiro”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/812232-no-dia-da-execucao-de-che-guevara-veja-a-cronologia-do-guerrilheiro.shtml>. Acesso em 17 set. 2018.

ANEXO 2: CRONOLOGIA DA REVOLUÇÃO CUBANA¹⁰⁶

Março de 1952 – Golpe militar de Fulgêncio Batista;

1953 – Tentativa do Assalto ao Quartel Moncada; resultado na prisão dos envolvidos, entre eles Fidel Castro;

1955 – Fundação do M-26.

1956 – Embarcam dia 26 de novembro no *Granma*, chegando em terras cubanas dia 05 de dezembro, sendo surpreendidos por um ataque das forças de Batista;

Janeiro de 1957 – primeira vitória do exército de Fidel Castro;

Junho de 1957 – Manifesto de Sierra Maestra com um programa de unificação das forças contra Batista;

1º de janeiro de 1959 – Vitória dos guerrilheiros ao tomarem Santa Clara;

2 de janeiro de 1959 – Che e a coluna comandada por ele chegou em Havana;

16 de abril de 1961 – Fidel declarou o caráter socialista da Revolução;

17 de abril de 1961 – Tentativa da invasão da Baía dos Porcos;

7 de fevereiro de 1962 – Embargo econômico dos EUA;

¹⁰⁶ Adaptado de Guevara (1979) e Ayerbe (2004).